

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICOS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

DAILLANE DOS SANTOS AVELAR

A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DAS CONSOANTES OCLUSIVAS
DENTAIS POR DESCENDENTES DE IMIGRANTES ITALIANOS DE
SANTA TERESA, ES

VITÓRIA

AGOSTO DE 2015

DAILLANE DOS SANTOS AVELAR

**A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DAS CONSOANTES OCLUSIVAS
DENTAIS POR DESCENDENTES DE IMIGRANTES ITALIANOS DE
SANTA TERESA, ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, área de concentração em Estudos Analítico-descritivos da Linguagem – Sociolinguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edenize Ponzo Peres

VITÓRIA

AGOSTO DE 2015

DAILLANE DOS SANTOS AVELAR

**“A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DAS CONSOANTES OCLUSIVAS DENTAIS POR
DESCENDENTES DE IMIGRANTES ITALIANOS DE SANTA TERESA, ES”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

28 de agosto de 2015

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Edenize Ponzó Peres (UFES)
Orientadora, Presidente da Sessão e da Comissão Examinadora

Profa. Dra. Carmelita Minélio Silva Amorim (UFES)
Membro Titular Interno da Comissão Examinadora

Profa. Dra. Mônica Maria Guimarães SAVEDRA (UFF)
Membro Titular Externo da Comissão Examinadora

Dedico esta dissertação

À minha avó Enny Monteiro (*in memóriam*), com amor, carinho e saudade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de poder concluir este estudo. A Ele toda a minha gratidão;

À minha família, em especial, a Carlos Eduardo, Dalvalina, Adelma e Dara, pelo amor, incentivo, compreensão e apoio constantes.

À minha querida professora, Edenize Ponzo Peres, pela orientação, colaboração, paciência, bondade e compreensão em todas as horas. Sua dedicação jamais será esquecida;

Aos informantes de Santa Teresa/ES, pelo apoio quanto à concessão das entrevistas, sem as quais este trabalho não seria possível;

Ao professor Alexsandro Meireles, pela orientação oferecida no início do mestrado;

Às professoras Mônica Savedra e Carmelita Minélio, pela honra de tê-las em minha banca de defesa;

Aos professores do programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, pela competente formação oferecida a mim e a meus colegas;

À professora Bernadete Abaurre, pelos conhecimentos que me proporcionou durante o mestrado-sanduíche na UNICAMP;

Às irmãs Carmelitas, pela generosidade e orações;

À secretária Luciana, pela competência e atenção;

Aos colegas do curso, pelo companheirismo em todos os momentos;

À Capes, pela bolsa de estudos.

“Preste atenção no que lhe ensinam e aprenda o mais que puder”.

Provérbios 23:12

RESUMO

Esta pesquisa pretende descrever e analisar as consequências do contato linguístico entre as variedades dialetais faladas por imigrantes italianos e o português em Santa Teresa, Espírito Santo. Para realizar tal estudo, foi formado um banco de dados de fala composto por vinte e quatro entrevistas sociolinguísticas com moradores da zona urbana de Santa Teresa, todos descendentes de imigrantes italianos, classificados por seu sexo/gênero (feminino e masculino), faixa etária (de 12 a 25, de 26 a 50 e acima de 50 anos) e escolaridade (até 08 anos e acima de 08 anos de escolarização). Foi investigada a pronúncia das consoantes oclusivas dentais, /t/ e /d/ diante de /i/ pelos informantes, tendo em vista que essa pronúncia se faz de modo distinto nas línguas em questão. Após a análise dos dados coletados, viu-se que a linguagem dos descendentes de italianos da zona urbana de Santa Teresa se distingue pelas três variáveis sociais. Com relação às variáveis linguísticas, a tonicidade da sílaba foi selecionada apenas para o fonema /t/. Dessa forma, a pronúncia de /t/ e /d/ com influência da língua de imigração se faz mais presente nos informantes da faixa etária acima de 50 anos, do sexo masculino e de menor nível de escolaridade. Assim, confirmamos a mudança em progresso com relação a essa característica da língua resultante do contato. Esta pesquisa se justifica, então, pela contribuição que dá aos estudos de contato linguístico e também à descrição da linguagem do Espírito Santo, dada a escassez desse tipo de investigação no estado.

Palavras-chave: Variação e mudança linguística. Contato linguístico. Línguas de imigração no Espírito Santo. Oclusivas dentais.

ABSTRACT

This research aims to describe and analyze the consequences of linguistic contact between the dialect varieties spoken by Italian immigrants and Portuguese in Santa Teresa, Espírito Santo. To accomplish that study a speech database composed for twenty-four sociolinguistic interviews was made with residents of the urban area of Santa Teresa, all descendants of Italian immigrants, classified by their sex / gender (male and female), age (12-25, 26-50 and over 50) and education (up to 08 years and above 08 years of schooling). It was investigated the pronunciation of dental stop consonants / t / and / d / before / i / by the interviewees, given that this pronunciation is done differently in the languages in question. After analyzing the data collected, it was seen that the language of Italian descendants of the urban area of Santa Teresa is distinguished by three social variables. Regarding the linguistic variables, the tone of the syllable was selected only for the phoneme / t /. This way, pronunciation / t / and / d / influence with the immigration language is more present in informants aged over 50, male and lower educational level. Thus, we confirm the change in progress in relation to this feature of the resulting language contact. This research is justified, then the contribution that gives language contact studies and also the description of the language in Espírito Santo, given the limited research in that location.

Key-words: Differences and linguistic change. Language contact. Immigration languages in Espírito Santo. Dental occlusive.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	Vista aérea de Santa Teresa	61
Fotografia 2	Praça central de Santa Teresa	62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Resultados para a variável <i>faixa etária</i> - fonema /t/	74
Gráfico 2	Resultados para a variável <i>faixa etária</i> - fonema /d/	74
Gráfico 3	Resultados para a variável <i>sexo/gênero</i> - fonema /t/	77
Gráfico 4	Resultados para a variável <i>sexo/gênero</i> - fonema /d/	78
Gráfico 5	Resultados para a variável <i>escolaridade</i> - fonema /t/	81
Gráfico 6	Resultados para a variável <i>escolaridade</i> - fonema /d/	81

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Atual divisão política da Itália	35
Mapa 2	Colonização italiana no Espírito Santo	38
Mapa 3	Localização geográfica de Santa Teresa	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Quantitativo de imigrantes adentrados no Espírito Santo, séc. XIX e XX	34
Quadro 2	Padrões de mudança linguística nos indivíduos e na comunidade	52
Quadro 3	Fonemas consonantais do português	54
Quadro 4	Classificação dos fonemas consonantais do português ..	54
Quadro 5	Consoantes dos dialetos vênets.....	56
Quadro 6	Informantes da zona urbana de Santa Teresa	64
Quadro 7	As variáveis linguísticas pesquisadas.....	66
Quadro 8	As variáveis sociais pesquisadas	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Realização do fonema /t/ diante de /i/ com influência da língua de imigração	70
Tabela 2	Realização do fonema /d/ diante de /i/ com influência da língua de imigração	71
Tabela 3	Variável <i>Tonicidade da sílaba onde se encontra o fonema /t/</i>	72
Tabela 4	Resultados da variável <i>Faixa etária</i> para os fonemas /t/ e /d/	73
Tabela 5	Resultados da variável <i>sexo/gênero</i> para os fonemas /t/ e /d/	77
Tabela 6	Resultados da variável <i>escolaridade</i> para os fonemas /t/ e /d/	80
Tabela 7	Cruzamento das variáveis <i>faixa etária vs sexo/gênero</i> – fonema /t/	83
Tabela 8	Cruzamento das variáveis <i>faixa etária vs sexo/gênero</i> – fonema /d/	84
Tabela 9	Cruzamento das variáveis <i>faixa etária vs escolaridade</i> – fonema/t/	85
Tabela 10	Cruzamento das variáveis <i>faixa etária vs escolaridade</i> – fonema /d/	86
Tabela 11	Cruzamento das variáveis <i>escolaridade vs sexo/gênero</i> – fonema /t/	87
Tabela 12	Cruzamento das variáveis <i>escolaridade vs sexo/gênero</i> – fonema /d/	87

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	20
	2.1 HORA (1990)	20
	2.2 BISOL (1991)	21
	2.3 SANTOS (1996)	21
	2.4 ALMEIDA (2000)	22
	2.5 PAGOTTO (2001)	23
	2.6 ABAURRE E PAGOTTO (2002)	23
	2.7 PIRES (2003)	24
	2.8 MARGOTTI (2004)	25
	2.9 DE PAULA (2006)	26
	2.10 DUTRA (2007)	26
	2.11 SILVA JR. (2009)	27
3	CONTEXTO HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA	29
	3.1 A EMIGRAÇÃO ITALIANA E A VINDA PARA O BRASIL	29
	3.2 A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO ESPÍRITO SANTO	32

	3.3 A IMIGRAÇÃO ITALIANA EM SANTA TERESA	39
4	REFERENCIAL TEÓRICO	41
	4.1 A SOCIOLINGUÍSTICA	41
	4.1.1 A teoria da variação e mudança linguística	42
	4.1.1.1 As variáveis linguísticas	43
	4.1.1.2 As variáveis sociais ou extralinguísticas	44
	4.1.1.2.1 A variável <i>sexo/gênero</i>	44
	4.1.1.2.2 A variável <i>idade</i>	45
	4.1.1.2.3 A variável <i>escolaridade</i>	48
	4.1.2 A mudança linguística	49
	4.1.2.1 A mudança em tempo aparente	51
	4.1.2.2 A mudança em tempo real	52
	4.2 ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DO PORTUGUÊS E DAS LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO ITALIANAS	53
	4.2.1 O sistema fonológico do português – os fonemas /t/ e /d/..	54
	4.2.2 Os fonemas /t/ e /d/ nas línguas de imigração italianas.....	56
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	59
	5.1 A COMUNIDADE DE SANTA TERESA	59
	5.2 OS INFORMANTES E A COLETA DE DADOS	62
	5.3 O FENÔMENO PESQUISADO	65

	5.3.1 A variável dependente	65
	5.3.2 As variáveis independentes	66
	5.3.2.1 As variáveis linguísticas	66
	5.3.2.2 As variáveis extralinguísticas ou sociais	67
	5.4 A TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	67
	5.5 A CODIFICAÇÃO E O TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS	67
6	ANÁLISE DE DADOS	69
	6.1 RESULTADOS PARA OS FONEMAS /t/ E /t/ DIANTE DE /i/	69
	6.1.1 A variável <i>Tonicidade da sílaba onde se encontra o fonema</i>	72
	6.1.2 A variável <i>faixa etária</i>	73
	6.1.3. A variável <i>sexo/gênero</i>	76
	6.1.4 A variável <i>escolaridade</i>	80
	6.2 A CORRELAÇÃO ENTRE AS VARIÁVEIS	82
	6.2.1 Cruzamento <i>faixa etária vs sexo/gênero – fonema /t/</i>	83
	6.2.2 Cruzamento das variáveis <i>faixa etária vs escolaridade</i>	85
	6.2.3 Cruzamento das variáveis <i>escolaridade vs sexo/gênero – fonema /t/</i>	87
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93

	ANEXOS.....	99
--	--------------------	-----------

1 INTRODUÇÃO

O estado do Espírito Santo, durante o século XIX, recebeu milhares de imigrantes europeus. Destes, quase 80% eram originários da Itália, especialmente das províncias ao norte desse país. Assolados por uma crise social e econômica que se abateu sobre a Europa nesse século, a qual atingiu principalmente a população mais pobre, aos camponeses italianos não restou outra solução senão o abandono de sua terra e de sua gente e a procura por melhores condições de vida em solo estrangeiro.

Dentre os destinos mais procurados, na América, estava o Brasil e, de uma maneira especial, o Espírito Santo. Esses imigrantes desembarcaram nos portos de Vitória ou de Benevente – atual Anchieta – e, depois da quarentena em abrigos destinados a esse fim, foram encaminhados para regiões desabitadas das montanhas capixabas, cobertas de matas virgens e de animais selvagens. Dentre as áreas destinadas ao povoamento pelos imigrantes, encontra-se Santa Teresa. Esse município foi o primeiro a receber os italianos, que chegavam com famílias, amigos e vizinhos, originários de diversas regiões da Itália setentrional.

A imigração italiana no Espírito Santo foi tema de pesquisas em várias áreas do conhecimento, como a Sociologia, a História e até a Arquitetura, mas ainda contamos com relativamente poucos estudos acerca do contato que ocorreu entre a(s) língua(s) falada(s) por esses imigrantes e o português, tanto no nível linguístico quanto no nível social. Dessa forma, o presente estudo tem por objetivo descrever e analisar as consequências sociolinguísticas do contato entre as línguas de imigração italianas e o português falado atualmente na zona urbana de Santa Teresa, um dos municípios do estado mais fortemente colonizados por esses imigrantes.

Especificamente, buscamos registrar a realização variável dos fonemas /t/ e /d/ diante de /i/ pelos informantes, tendo em vista que esse é um dos traços em que os sistemas fonológicos dessas línguas se diferenciam, isto é, nas línguas italianas, essas

consoantes não sofrem o processo de palatalização que ocorre no português, o que acarreta a diferença de sua pronúncia pelos descendentes desses imigrantes.

Para alcançarmos nossos objetivos, foram feitas entrevistas com 24 (vinte e quatro) descendentes de italianos residentes na zona urbana de Santa Teresa, classificados de acordo com seu sexo/gênero – feminino e masculino –, idade (de 12 a 25, de 26 a 50 e acima de 50 anos) e escolaridade (até 08 anos e acima de 08 anos de escolarização), de acordo com os pressupostos da Sociolinguística, em sua vertente da Teoria da Variação (LABOV, 2008).

Em resumo, nosso objetivo geral é contribuir com as pesquisas sobre o Contato Linguístico no Espírito Santo, identificando os contextos linguísticos e sociais que exercem influência sobre os fenômenos envolvidos na variação linguística resultante do contato entre o português e as línguas de imigração italianas.

Como objetivos específicos, temos:

- i) identificar as variáveis linguísticas e sociais condicionadoras da variação da pronúncia das oclusivas dentais diante de /i/;
- ii) verificar se está havendo mudança em progresso quanto aos traços fonético-fonológicos do línguas de imigração italianas no português falado pelos moradores da comunidade estudada.

Com base nos resultados de estudos variacionistas com a mesma temática que o nosso, estipulamos algumas hipóteses, com o propósito de nortear a realização desta pesquisa:

1. A variação das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/ sofre influências tanto de fatores de ordem linguística quanto sociais;
2. A influência dos traços da língua de imigração se faz mais presente na linguagem dos homens, dos informantes menos escolarizados e das faixas etárias mais altas.

Este trabalho foi organizado em seis capítulos, além desta Introdução. No segundo, intitulado *Revisão Bibliográfica*, expomos os principais trabalhos que trataram sobre

nosso tema, em alguns estados do país, como de Bisol (1986, 1991), Hora (1990), Santos (1996), Almeida (2000), Abaurre e Pagotto (2002) e Pagotto (2001). Dessa forma, foi possível comparar e, conseqüentemente, fundamentar a interpretação de nossos dados.

No terceiro capítulo, intitulado *Contexto Histórico da Imigração Italiana*, resumimos a situação italiana no século XIX, bem como descrevemos resumidamente a história dessa imigração no Brasil, no Espírito Santo e no município de Santa Teresa, com o objetivo de compreender a vida desses descendentes de italianos e a situação sociolinguística atual do português aí falado.

Em seguida, no quarto capítulo, intitulado *Procedimentos Metodológicos*, descrevemos os passos dados para a realização desta investigação: apresentamos os motivos pelos quais escolhemos essa comunidade, descrevemos o perfil dos informantes e como se deu a coleta de dados, a transcrição das narrativas e o tratamento estatístico dos dados, com a ajuda do programa computacional Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005).

No quinto capítulo, *Referencial Teórico*, expomos os conceitos fundamentais para a compreensão de nosso objeto de estudo. São apresentados os pressupostos teóricos da Sociolinguística, nas vertentes da Teoria da Variação e Mudança e do Contato Linguístico.

No sexto capítulo, *Análise de Dados*, apresentamos os resultados obtidos por meio das entrevistas sociolinguísticas e procedemos à análise quantitativa e qualitativa de nossos dados.

No sétimo capítulo, *Considerações Finais*, sintetizamos os resultados encontrados, confrontando-os com as hipóteses estipuladas.

Por fim, apresentamos as *Referências* utilizadas neste trabalho e, em seguida, encontram-se os Anexos.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo, apresentaremos alguns dos estudos realizados sobre a realização variável das oclusivas dentais do português brasileiro e o processo de palatalização. Essas pesquisas são de grande préstimo para o presente trabalho, pois nos possibilitam dar uma melhor explicação para nossos resultados.

2.1 Hora (1990)

O primeiro trabalho a que nos reportaremos é o de Hora (1990), que pesquisou a palatalização das oclusivas dentais em 70 entrevistas sociolinguísticas na região de Alagoinhas, na Bahia. De acordo com o programa Varb2000, todas as variáveis linguísticas foram selecionadas, quais sejam: *tonicidade, contexto seguinte e precedente, contexto fonológico simultâneo à vogal, posição e sonoridade*.

Os resultados indicam que o fenômeno é favorecido por: i) contexto fonológico precedente (contexto nasal e a vogal média); ii) o contexto seguinte (vogal alta e vogal baixa); iii) a tonicidade (a sílaba pretônica inicial); iv) o contexto fonológico simultâneo à vogal (a vogal nasal); v) a posição do alvo na palavra (início de palavra em início de frase); e vi) a sonoridade (as consoantes surdas).

Quanto às variáveis sociais, o pesquisador analisou as seguintes: *faixa etária, sexo, classe social e estilo*. Seus resultados revelaram que o fenômeno da palatalização é favorecido pelas classes média e alta; pelos indivíduos da faixa etária entre 37 e 47 anos; e pelos estilos mais formais – a leitura de frases e de lista de palavras. A variável *sexo* não foi selecionada pelo programa como significativa para a realização do fenômeno. Com relação à faixa etária, os resultados revelaram um baixo índice de palatalização pelos jovens, o que aponta para uma ameaça à variante prestigiada.

2.2 Bisol (1991)

O segundo estudo a que nos reportaremos é o de Bisol (1991). A pesquisadora investigou a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/ em quatro comunidades do Rio Grande do Sul: a região metropolitana de Porto Alegre, uma fronteira, uma alemã e uma italiana. As variáveis linguísticas analisadas foram: *acento*, *juntura*¹, *sílaba* e *contextos fonológicos precedente e seguinte*. As variáveis sociais selecionadas foram: *grupo étnico e idade*.

Os resultados indicaram que a variável linguística *acento*, em posição de sílaba tônica, foi mais frequente na região metropolitana. Nas regiões de colonização alemã e italiana, a posição de sílabas átonas favoreceu a palatalização de /t/ e /d/ em maior escala. A *juntura*, relacionada à borda direita, como em *pente*, foi o fator que mais favoreceu a palatalização do /t/ e /d/ nas quatro regiões. No que se refere aos fatores sociais, foi possível verificar que os jovens palatalizam mais que os velhos, com exceção dos metropolitanos; e que o grupo étnico apontou para a influência da palatalização das oclusivas /t/ e /d/. A autora concluiu que, das quatro regiões pesquisadas, a palatalização possui regra quase categórica na região metropolitana, enquanto que, nas demais localidades, o fenômeno ainda está se desenvolvendo.

2.3 Santos (1996)

Santos (1996) analisou a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de todas as vogais em Maceió, Alagoas. A pesquisa foi realizada com professoras e faxineiras de uma escola particular, em um total de 20 entrevistas. As variáveis linguísticas selecionadas pelo programa foram a *tonicidade da sílaba* e *os contextos seguinte e precedente*. Quanto às variáveis sociais, a única investigada foi *escolaridade*: as informantes foram classificadas como mais escolarizadas (professoras) e menos escolarizadas (faxineiras).

¹ A *juntura* se caracteriza pela transição entre domínios, podendo envolver sílabas, pés métricos, morfemas, palavras ou sentenças. (CRISTÓFARO-SILVA, 2011)

A escolaridade demonstrou ser um fator pouco significativo, ou seja, esse fator não foi um diferenciador no que se refere às oclusivas dentais /t/ e /d/. A variável *contexto seguinte* mostrou que o fone [ɪ], como em *noiti*, foi o mais favorável a palatalização das oclusivas dentais. A variável *contexto precedente* apontou que, quando a oclusiva /t/ antecede o glide [j], há a palatalização, como em *feito*. A tonicidade – postônica final – como em *noite* foi considerada a mais significativa no que se refere à aplicação da regra de palatalização.

Diante dos resultados, foi possível verificar que, em todos os casos analisados, a aplicação do [d] é categórica. Outro dado importante é que a palatalização é maior quando a oclusiva [t] precede [j] e é seguida por [i] em postônica final.

2.4 Almeida (2000)

Almeida (2000) analisou a variação das oclusivas dentais /t/ e /d/ seguidas de [i] e [j] na comunidade bilíngue em português e dialeto italiano de Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul. Os dados foram obtidos por meio de 24 entrevistas do banco de dados do Projeto VARSUL.

As variáveis linguísticas selecionadas pelo programa estatístico Varb2000 foram: *tonicidade, contextos fonológicos precedente e seguinte, tipo de vogal e sonoridade*. Os resultados indicaram que a regra da palatalização foi favorecida pelos seguintes fatores: i) quanto à tonicidade, quando as sílabas estão em posição postônica final ou pretônica inicial; ii) quanto ao contexto seguinte, pela consoante lateral, como em *predileto*, e a consoante labial, como em *tipo*; iii) quanto ao contexto precedente, pela consoante nasal; iv) quanto à sonoridade, pelas consoantes desvozeadas; e v) quanto ao tipo de vogal, pela alta [i].

As variáveis sociais investigadas foram: *gênero, idade* (superior ou inferior a 50 anos) e *escolaridade* (ensino fundamental e médio). Os resultados indicam que o processo de palatalização foi favorecido pelo gênero feminino, pela faixa etária mais jovem e pelos informantes com o ensino médio.

2.5 Pagotto (2001)

O quinto estudo a que nos reportaremos é o de Pagotto (2001), que realizou uma pesquisa sobre a palatalização das oclusivas dentais em três regiões de Florianópolis: a região central, Freguesia do Figueirão da Ilha e Sertão do Ribeiro. Três variantes foram analisadas: *oclusivas dentais, africadas alveolares e africadas palato-alveolares*. As variáveis linguísticas investigadas foram: *sonoridade, contexto antecedente, natureza da vogal que segue a variável, contexto seguinte à vogal, posição da sílaba na palavra, posição da sílaba com relação ao acento da palavra, acento da frase sobre a sílaba em que se encontra a variável, posição morfológica da variável e classes de palavras*. As variáveis extralinguísticas, por sua vez, foram: *idade, sexo e escolaridade dos informantes, além da localidade*.

Como resultados, tem-se que: i) o uso das oclusivas dentais aumentou à medida que a idade aumentava; ii) as africadas são produzidas com maior frequência pelos informantes jovens da região urbana e pelos mais escolarizados; e iii) as africadas palato-alveolares foram mais pronunciadas por indivíduos abaixo de 25 anos e pelos que tinham ensino médio ou formação universitária.

2.6 Abaurre e Pagotto (2002)

Abaurre e Pagotto (2002) investigaram as oclusivas dentais em cinco capitais brasileiras: São Paulo, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Com base em 30 inquéritos, os autores analisaram as variáveis extralinguísticas *idade, grupo geográfico, sexo e tipo de inquérito*. O grupo de fatores considerado mais relevante foi a região geográfica. Dentre os resultados obtidos, temos que: i) as cidades do Rio de Janeiro e Salvador apresentaram alto índice de palatalização; já Porto Alegre e Recife foram desfavoráveis ao fenômeno, enquanto que os dados de São Paulo não se mostraram significativos; ii) em relação à faixa etária, nota-se uma menor aplicação da regra nos informantes jovens, ao passo que os de idade intermediária utilizaram mais a palatalização; iii) no Rio de Janeiro, não foi possível verificar a faixa etária, pois o resultado é de africacão em aproximadamente 100% das ocorrências; iv) em Recife, os mais velhos palatalizam mais, embora não seja grande a diferença entre os outros

resultados; v) para São Paulo, Porto Alegre e Salvador, a faixa intermediária palataliza mais do que a faixa etária mais velha.

Quanto às variáveis linguísticas, a *sonoridade*, *contexto precedente*, *contexto seguinte* e *natureza do contexto seguinte à vogal [i]* foram selecionadas como relevantes pelo Varb 2000. Os resultados são estes: i) quanto à *sonoridade*, nas cidades de São Paulo, Salvador, Recife e Porto Alegre, a consoante desvozeada foi a que mais favoreceu a palatalização das oclusivas dentais; ii) para o contexto precedente, os fones [ʃ] e [j] foram os mais favoráveis à palatalização de /t/ e /d/; e iii) o contexto seguinte apontou que, em Recife e Porto Alegre, a vogal [i] foi a que mais favoreceu a palatalização das oclusivas dentais.

2.7 Pires (2003)

Pires (2003) analisa as oclusivas dentais /t/ e /d/ seguidas de /i/ na comunidade de São Borja (Rio Grande do Sul), com o objetivo de verificar a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos para a realização do processo de palatalização. O corpus se compõe de vinte e quatro informantes do banco de dados do projeto VARSUL. As variáveis linguísticas estudadas foram: *contexto precedente*, *contexto seguinte*, *nasalidade da vogal alta*, *sonoridade*, *tonicidade da sílaba* e *tipo de vogal alta*. As variáveis extralinguísticas foram: *gênero*, *idade* e *escolaridade*.

Os resultados encontrados foram: i) o contexto fonológico - tipo de vogal alta – foi a variável mais significativa no que se refere à palatalização das oclusivas; ii) quanto à tonicidade da sílaba, as pretônicas foram mais palatalizadas; iii) para o contexto seguinte, as consoantes [-anterior] e a vogal obtiveram maior peso relativo; e iv) quanto à sonoridade, as consoantes surdas foram as mais favorecedoras da palatalização das oclusivas.

Quanto às variáveis extralinguísticas, verificou-se que a palatalização é favorecida: i) pelas mulheres; ii) pelos informantes com menos de 50 anos; iii) pelos informantes com menos escolaridade (ensino fundamental). Os resultados mostraram ainda que a

palatalização das oclusivas dentais está em expansão na comunidade estudada, se considerarmos a influência das variáveis linguísticas e extralinguísticas.

2.8 Margotti (2004)

Margotti (2004) realizou um estudo social e geográfico do português em contato com o italiano com 120 informantes de oito municípios do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Foram analisadas as seguintes variáveis: zona urbana e rural, sexo (feminino e masculino), idade (de 45 a 60 anos e de 15 a 30 anos), ser descendente de italianos ou luso-brasileiros, escolaridade (até a 8ª série e acima da 8ª série) e estilo de fala (resposta a Questionário, leitura e conversa semidirigida). Quanto aos condicionadores linguísticos, o autor analisou: *tamanho do vocábulo, classe morfológica, contexto precedente, acento lexical, contexto seguinte e posição no vocábulo*.

Margotti (2004) controlou as dimensões sociais e geográficas, visando verificar a pronúncia do ditongo nasal tônico [ãõ], do [r] forte, da vogal [a] seguida de consoante nasal, do alçamento das vogais átonas finais [e] e [o], da africacão de [t] e [d] diante de [i], da realização das fricativas [ʃ] e [ʒ]. Sua pesquisa seguiu a perspectiva da Dialetoologia pluridimensional e relacional, voltada para a ciência da variação linguística.

Como resultado geral, tem-se que a pronúncia com influência da língua portuguesa se mostrou bastante variável: i) para [ãõ], [aN], [ʃ] e [ʒ], em mais de 70% dos casos; ii) para a consoante /r/ e a vogal átona final /o/, em torno de 50%; iii) para as consoantes /t/ e /d/ seguidas de /i/, apenas 40% do total; e iv) para a variação da vogal [a] seguida de consoante nasal, apenas 12%.

Diante desses resultados, o autor conclui que a difusão do português ocorreu de forma mais intensa em Orleans (SC) e Caxias do Sul (RS), ao passo que, em Rodeio (SC) e Sananduva (RS), foi detectada uma maior resistência à inovação linguística. Quanto ao plano diassocial, o uso de variantes sem interferência do italiano é liderado, sucessivamente, pelos falantes urbanos, pelos mais jovens e mais escolarizados. Por fim, o autor afirma que as comunidades pesquisadas funcionam como ilhas, cada uma apresentando características próprias e peculiares.

2.9 De Paula (2006)

De Paula (2006) realizou um estudo em tempo real sobre a palatalização das oclusivas dentais com 24 informantes dos municípios de Taquara e Panambi, no Rio Grande do Sul, seguindo a perspectiva de Labov (1994).

As variáveis foram as mesmas estudadas por Pagotto (2001): oclusivas dentais, as africadas alveolares, e as africadas palato-alveolares. Quanto às variáveis linguísticas, foram analisados os *contextos precedente e seguinte, sonoridade, tonicidade e tipo de vogal*. As variáveis extralinguísticas foram: *grupo geográfico, gênero, idade e análise individual dos informantes*.

Dentre os resultados encontrados, tem-se que: i) a aplicação da regra de palatalização é mais favorável no grupo geográfico de Taquara, apresentando 43%, e, no grupo geográfico de Panambi, 32%; ii) o fenômeno é favorecido pelas mulheres jovens, em ambas as comunidades; iii) no grupo geográfico de Panambi, a palatalização de /t/ e /d/ na sílaba postônica não final ocorreu em 90% das vezes; iv) a vogal alta não derivada, como em *dia*, apresentou 81% de ocorrência e a surda, como em *contente*, 65%. Em relação a Taquara, a aplicação da palatalização das oclusivas dentais mostra-se significativa nos fatores extralinguísticos e linguísticos. No grupo geográfico de Panambi, foram analisadas 5.115 ocorrências e, destes, 1.642 são casos de aplicação da palatalização das oclusivas dentais.

2.10 Dutra (2007)

Dutra (2007) estudou a palatalização das oclusivas dentais no município de Chuí, no Rio Grande do Sul. A pesquisa foi constituída por 24 informantes, classificados segundo os seguintes critérios: *faixa etária, escolaridade, sexo e atividade profissional*. As variáveis linguísticas são: *contexto precedente, contexto seguinte, tonicidade, sonoridade, tipo de vogal e tipo de sintagma*. Quanto às variantes, o autor selecionou a oclusiva dental, a africada alveolar e a africada palato-alveolar. O programa selecionado foi o Varbrul 2S.

Os resultados para as duas localidades apontaram que a regra de palatalização das oclusivas dentais é favorecida: i) pelos falantes da faixa etária mais jovem, do sexo masculino, estudantes com nível fundamental e também comerciantes, apesar de ser um fenômeno de baixa aplicação (26%), na cidade de Chuí; iii) por sílabas tônicas e pretônicas, na variável *tipo de vogal alta*; iv) por vogal derivada; vi) pelos fones [g, ʃ, x, tʃ, dʒ, f] e contexto vazio, no contexto seguinte; v) pelo segmento [-voz], ou seja, /t/. No que se refere ao *Tipo de sintagma*, os resultados foram parciais, obtendo-se um número reduzido de dados.

2.11 Silva Jr. (2009)

Por fim, Silva Júnior (2009) analisa a realização variável das oclusivas /t/ e /d/ diante de /i/ em Santa Vitória do Palmar e Chuí, no Rio Grande do Sul. O corpus consta de 14 entrevistas, e os dados foram analisados com base no referencial teórico da Sociolinguística Variacionista de Labov (1972) e com o apoio do pacote estatístico Goldvarb, nas versões 2001 e 2005. Foram analisadas as dentais/alveolares, as africadas alveolares, as africadas palato-alveolares e as africadas alveolares sem vogal. Quanto às variáveis linguísticas, temos os *contextos fonológicos precedente e seguinte, tonicidade, qualidade da consoante, posição ocupada por /t/ e /d/ no vocábulo e tipo de vogal*. As variáveis sociais foram *faixa etária, sexo, escolaridade, município de origem e informante*.

Os resultados encontrados para ambas as comunidades mostram que a variante africada alveolar apresentou 55% das ocorrências; em seguida, a oclusiva dental, com 28%; logo após vem a africada palato-alveolar, com 11%, e a africada alveolar sem vogal, com 4%. O uso da africada alveolar - mais frequente entre mulheres mais velhas e de baixa escolaridade - mostrou-se em expansão nessas localidades. A *tonicidade* apresentou baixo índice de ocorrências quanto aos fatores *pretônica não inicial e postônica não final*. Os dados mostraram neutralidade relacionada à sílaba tônica, com 67% das ocorrências. Os fatores *vogal, consoante nasal, consoante líquida e semivogal* foram amalgamados, continuando próximo ao ponto neutro. O contexto fonológico precedente mais favorável à regra foi a fricativa alveolar. E, no

que se refere ao tipo de vogal alta, a não derivada [i] aparece como fator mais favorável, com 66% das ocorrências.

A única variável extralinguística selecionada foi sexo. Os resultados apontaram as mulheres como as mais favorecedoras da regra, com PR = .59 contra 0.44 para o sexo masculino. A partir de suas análises, o autor concluiu que o processo de africacão alveolar é uma regra em expansão nas duas comunidades pesquisadas.

Como dissemos, os resultados dos estudos listados neste capítulo lançam luz para a análise dos resultados obtidos por nós, nesta pesquisa, os quais serão explanados no capítulo 6. Dessa forma, depois de expostos os trabalhos que abordam o mesmo tema que o nosso, no próximo capítulo traçaremos o percurso histórico dos imigrantes italianos em Santa Teresa, a fim de caracterizarmos melhor os sujeitos deste estudo.

3 O CONTEXTO HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA

Este capítulo tem por objetivo descrever, resumidamente, a emigração italiana e a chegada desse grupo ao Brasil, ao Espírito Santo e ao município de Santa Teresa. Essa contextualização se faz necessária, visto que conhecer a história dos imigrantes e as características da colonização do estado contribuirá para compreendermos melhor os contatos linguísticos que ocorreram nessa região.

3.1 A EMIGRAÇÃO ITALIANA E A VINDA PARA O BRASIL

No século XIX, a Itália sentia as consequências de profundas transformações políticas, sociais e econômicas, em decorrência especialmente da Revolução Industrial que a Europa viveu, nos séculos XVIII e XIX (BIGAZZI, 2006). A substituição do trabalho manual pelas máquinas, na agricultura, e a necessidade de mão de obra para as indústrias levaram milhares de camponeses para as cidades.

Além disso, a Itália sofreu as consequências das guerras para a unificação do país, o que também provocou crises que desestruturaram sua política e sua economia. Outras circunstâncias altamente desfavoráveis que esse país viveu, antes da Grande Emigração, foram as más condições climáticas - secas, enchentes, chuvas de granizo, terremotos -, as pragas nas lavouras, os altos impostos, a concorrência desleal da produção italiana com a de outros países mais desenvolvidos, a situação de exploração dos camponeses por parte dos donos da terra e seu consequente endividamento, a falta de higiene em setores trabalhistas, o analfabetismo e, finalmente, as doenças - tuberculose, raquitismo e escorbuto - que acometiam a população.

De acordo com Bigazzi (2006), toda essa situação levou o povo italiano à fome e à miséria. A autora assim resume a situação italiana:

Nos primeiros marcos da unificação da Itália (1861), a agricultura nacional – apesar de representar um papel de fundamental importância na economia do

país e construir a principal e, muitas vezes, a única fonte de renda para a maioria da população ativa – não recebeu a devida consideração e atenção por parte da classe dirigente. A concorrência dos países além-mar nos mercados de trigo, seda e arroz, e a Revolução Industrial que substituiu a mão de obra pelas máquinas, tiveram como consequência uma grave crise com repercussões econômicas e sociais (BIGAZZI, 2006, p. 15).

Franzina (2006, p.39) também cita as razões da emigração italiana:

Os resultados do Relatório agrário [...] permitem vislumbrar facilmente as principais causas do êxodo, para o qual concorrem os esforços de um setor agrícola em crise, devido à drástica queda internacional dos preços do trigo, cujas primeiras vítimas não eram os camponeses pobres, mas os pequenos arrendatários, os pequenos proprietários, ou seja, os pequenos produtores capazes de inserir-se no mercado por si mesmos, mas incapazes, por causa da sua objetiva fragilidade, de resistir à violência das crises conjunturais.

Dessa forma, não era possível sobreviver a tanta pobreza e, por isso, os italianos almejavam um lugar em que pudessem obter terra para plantar e viver bem. A solução que se colocou para os italianos seria: abandonar seu país e procurar um outro, com melhores condições de vida. E a América se apresentou como uma saída para essas pessoas.

Por sua vez, a essa época, o Brasil estabelecia seus limites territoriais, implantava novas indústrias e ainda vivia a expectativa do fim da escravatura, sendo necessários, portanto, mais trabalhadores, a fim de garantir o crescimento econômico da nação. Dessa forma, havia um forte interesse, por parte de nosso país, em receber imigrantes, o que motivou a abertura de agências especializadas em recrutar mão de obra estrangeira, especialmente europeus.² Dessa forma, agentes brasileiros se dirigiam ao norte da Itália, fazendo promessas aos camponeses de uma vida melhor num país idílico, repleto de empregos e terras cultiváveis. Portanto, os que se

²Dentre os estrangeiros que o Brasil recebeu, havia, além de italianos, poloneses, japoneses, suíços, austríacos, alemães etc. (BIASUTTI, LOSS e LOSS, 2003). Adiante, apresentaremos os imigrantes adentrados ao Espírito Santo, especificamente.

estabelecessem no Brasil poderiam conseguir a tão sonhada estabilidade financeira (BIGAZZI, 2006; FRANZINA, 2006).³

Entretanto, ao chegarem ao novo país, as boas expectativas dos imigrantes foram substituídas pela dura realidade que encontraram: pobreza e trabalho excessivo sem recompensa. Em outras palavras, continuaram vivendo em péssimas condições. Além disso, muitos imigrantes foram encaminhados para diferentes regiões do Brasil, perdendo o contato com os amigos e familiares. Sobre a atuação dos agentes de recrutamento e a situação dos imigrantes em solo brasileiro, observa Bigazzi (2006, p. 31):

Por tal postura, os agentes foram responsabilizados pelas histórias mais tristes da emigração, que nem sempre trouxe felicidade e riqueza fácil: uma vez chegados ao país receptor, além de encontrar uma realidade bem diferente daquela que havia sido prometida, os emigrantes se viam sem nenhuma garantia, tendo de assumir dívidas com os novos patrões. Dívidas que aumentavam a cada dia, transformando-os de trabalhadores livres em semi-escravos, sem nenhum direito à terra que deviam cultivar.

Os constantes relatos da situação vivida pelos imigrantes italianos no Brasil preocuparam o governo italiano, que, para diminuir a emigração, promoveu sua regulamentação, a fim de manter os cidadãos vinculados à pátria (FRANZINA, 2006). Por fim, vários anos depois de seu início, é promulgado um decreto proibindo a emigração para o Brasil. Não obstante essa regulamentação, a Itália continuava em crise, e a saída de grandes contingentes populacionais continuou.

A chegada dos imigrantes trouxe grandes avanços ao Brasil, pois eles contribuíram para o desenvolvimento da agricultura, para o crescimento da industrialização, para a urbanização e para as reformas políticas, o que levou ao fortalecimento gradativo do país. Situação semelhante aconteceu no Espírito Santo, como veremos a seguir.

³Vale ressaltar que, nas entrevistas coletadas de descendentes de italianos em Santa Teresa, diversos moradores descreveram esse fato. Seus pais, avós ou bisavós, relatavam os sonhos que os italianos tinham ao sair de suas terras, a maioria no norte da Itália.

3.2 A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO ESPÍRITO SANTO

Para entendermos a importância da imigração italiana para o Espírito Santo, é preciso antes falarmos sobre a história da ocupação do estado. Os primeiros registros sobre a capitania do Espírito Santo apontam para a chegada de Vasco Fernandes Coutinho, que aportou no atual município de Vila Velha em 23 de maio de 1535. Em sua chegada, o grupo de Vasco Coutinho, segundo descreve Oliveira (2008), foi recepcionado hostilmente pelos índios tupiniquins, goitacases, temiminós e tupinambás, entre outros, que habitavam o lugar e seus arredores. Sobre esse episódio, Oliveira (2008, p. 37), afirma:

O primeiro contato com a terra revelou os tropeços que aguardavam aquele pugilo de aventureiros: os índios prepararam uma recepção nada cordial. Postando-se armados em grupos na praia, mostravam-se dispostos a impedir o desembarque. Alguns disparos das peças de bordo, porém, anularam a pretensão, afugentando-os para a floresta.

Apesar de os índios não aceitarem a chegada de estrangeiros em suas terras, inicialmente acabam se submetendo às regras impostas pelos portugueses. Inconformados, porém, travam lutas, mas são punidos com diversos tipos de castigos. De acordo com Daemon (2010), em 1558, os índios foram vencidos, e os portugueses, então, ocuparam o território.

Já no século XVII, no governo de Francisco Aguiar Coutinho, inicia-se o tráfico negreiro no estado. Segundo Moreira e Perrone (2007), com o passar dos anos, não houve, na capitania, um tráfico negreiro internacional constante, o que significa que os descendentes dos primeiros escravos ocupavam o lugar de seus pais e avós, nas fazendas, ao longo de várias gerações. Isso significa dizer que a(s) língua(s) falada(s) pelos imigrantes não teve (tiveram) contato direto com as línguas africanas.

Outro acontecimento que merece destaque na história do Espírito Santo foi a descoberta de ouro em Minas Gerais. A partir desse evento, o Governo Imperial

impediu a ocupação do solo do Espírito Santo, tornando-o uma proteção natural contra o ataque de invasores e ladrões estrangeiros às minas da região de Ouro Preto. Além disso, a descoberta do ouro levou boa parte da esparsa população do Espírito Santo para a província vizinha, o que contribuiu ainda mais para a diminuição dos indivíduos que aqui viviam. Dessa forma, no século XVIII, um total de 90% do território capixaba era coberto pela Mata Atlântica. Apenas em 1813, com o declínio da produção das jazidas de Minas Gerais, a ocupação do Espírito Santo foi estimulada, construindo-se uma estrada que ligava Vitória a Ouro Preto, sob a administração do então presidente da província, Francisco Rubim.

Dessa forma, no século XIX, o Espírito Santo encontrava-se praticamente desabitado e sem muitos interessados em ocupar seu território. Portanto, a solução encontrada pelo Governo Imperial foi a imigração. Como afirmamos na seção anterior, as razões para trazer imigrantes para o Brasil eram muitas, mas o Espírito Santo se encontrava em uma situação particularmente difícil, pela necessidade de povoamento. Assim, em 1847, inicia-se, de fato, a imigração europeia, com a chegada de 163 prussianos para a Colônia de Santa Izabel e 140 suíços para a colônia de Santa Leopoldina. Em 1856, a Colônia de Rio Novo recebe imigrantes de várias nacionalidades (OLIVEIRA, 2008).

Neste ponto, cabe considerar que a principal leva de imigrantes italianos – e também europeus – chegou ao Espírito Santo no século XIX. No século XX, segundo dados do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES, 2014), vieram para o estado 1.633 italianos, mas não podemos dizer que estes vivenciaram o mesmo processo de colonização que os que chegaram no século anterior. Portanto, neste trabalho, estamos fazendo referência à imigração italiana do século XIX.

A seguir, vemos o contingente de imigrantes entrados no Espírito Santo, segundo dados do APEES (2014, adaptado).

Países	séc. XIX	sec. XX	Total
Itália	35.033	1.633	36.666
Alemanha	4.013	853	4.866
Espanha	2.942	527	3.469
Portugal	2.080	1.347	3.427
Polônia	699	898	1.597
Líbano	1	568	569
Áustria	295	131	426
Estados Unidos	167	219	386
San Marino	360	3	363
Holanda	329	13	342
Suíça	289	21	310
Rússia	185	58	243
França	162	66	228
Bélgica	185	5	190
Síria	0	130	130
China	66	57	123
Inglaterra	9	105	114
Luxemburgo	97	0	97
Ucrânia	130	8	138
OUTROS	44	511	555
TOTAL	47.026	7.129	54.155

Quadro 1 – Quantitativo de imigrantes adentrados no Espírito Santo, séc. XIX e XX.

Fonte: APEES, 2014. Acesso em 20 jul. 2015

Vemos, pelo Quadro acima, que os italianos superavam em muito os imigrantes de outros países: praticamente 78% do quantitativo de imigrantes chegados ao Espírito Santo era de italianos.

Os primeiros registros sobre a imigração italiana para o Espírito Santo datam de 1874, sob o comando de Pietro Tabacchi, o qual, pelo decreto imperial 5.295, de 31 de maio de 1872, obteve autorização para trazer imigrantes para trabalhar em suas terras, na Colônia de Nova Trento, atualmente o município de Ibiraçu (DERENZI, 1974).

Os imigrantes italianos eram originários especialmente das províncias do norte, como o Vêneto, a Lombardia e o Trentino Alto Ádige, dentre outras. Embora a expressiva maioria fosse originária da região do Vêneto, em Santa Teresa chegaram italianos de

diferentes procedências. No mapa abaixo, vemos as diferentes regiões da Itália, em sua composição atual⁴.



Mapa 1 – Atual divisão política da Itália

Fonte: Google Maps. Acesso em: 15 mar. 2015.

⁴ A Itália sofreu várias mudanças em sua configuração geográfica e política, desde sua unificação, em 1861, até o momento atual: o Vêneto foi unificado em 1866; Roma, em 1870; e o Trento, Trentino, Trieste e Venezia Giulia, entre 1915 e 1918.

Ao chegarem ao Espírito Santo, os italianos eram encaminhados para as hospedarias, onde deveriam ficar de quarentena. A partir daí, eram distribuídos pelo interior do estado, para os lotes de terra destinados a cada família. Desde a chegada às hospedarias e até depois de se instalarem em suas terras, enfrentaram muitos problemas, como a falta de higiene, de alimentação e de moradia adequada, dentre outros. Sobre as péssimas condições de vida a que foram expostos, Nagar (1895, p. 47) comenta:

Os barracões nos quais os imigrantes são alojados no interior, nas vizinhanças da área a ser colonizada, são mal construídos, em cima de estacas e subdivididos por paredes, com muitos beliches, e são cobertos com folhas de palmeiras, bem como as paredes laterais. Vivem sob esse teto todos juntos, sem distinção de família, sexo ou idade, por períodos mais ou menos longos.

Assim, nota-se que o Espírito Santo não estava preparado para receber os imigrantes. Necessitava-se de mão de obra, mas não existia a preocupação com a forma como esses trabalhadores e suas famílias seriam recebidas. Pelo fato de chegarem muitos imigrantes, a situação piorava a cada ano, pois não havia alojamento para todos. Apenas em 1854 foi promulgada uma lei que tentava solucionar esses problemas, favorecendo os imigrantes. Nesse sentido, eles poderiam ser dispensados do serviço militar, fazer deslocamento gratuito dentro do país ou obter financiamento para a compra de um lote com até dez anos para a quitação da dívida. Enfim, muitos incentivos são propostos, mas várias dificuldades ainda persistiam.

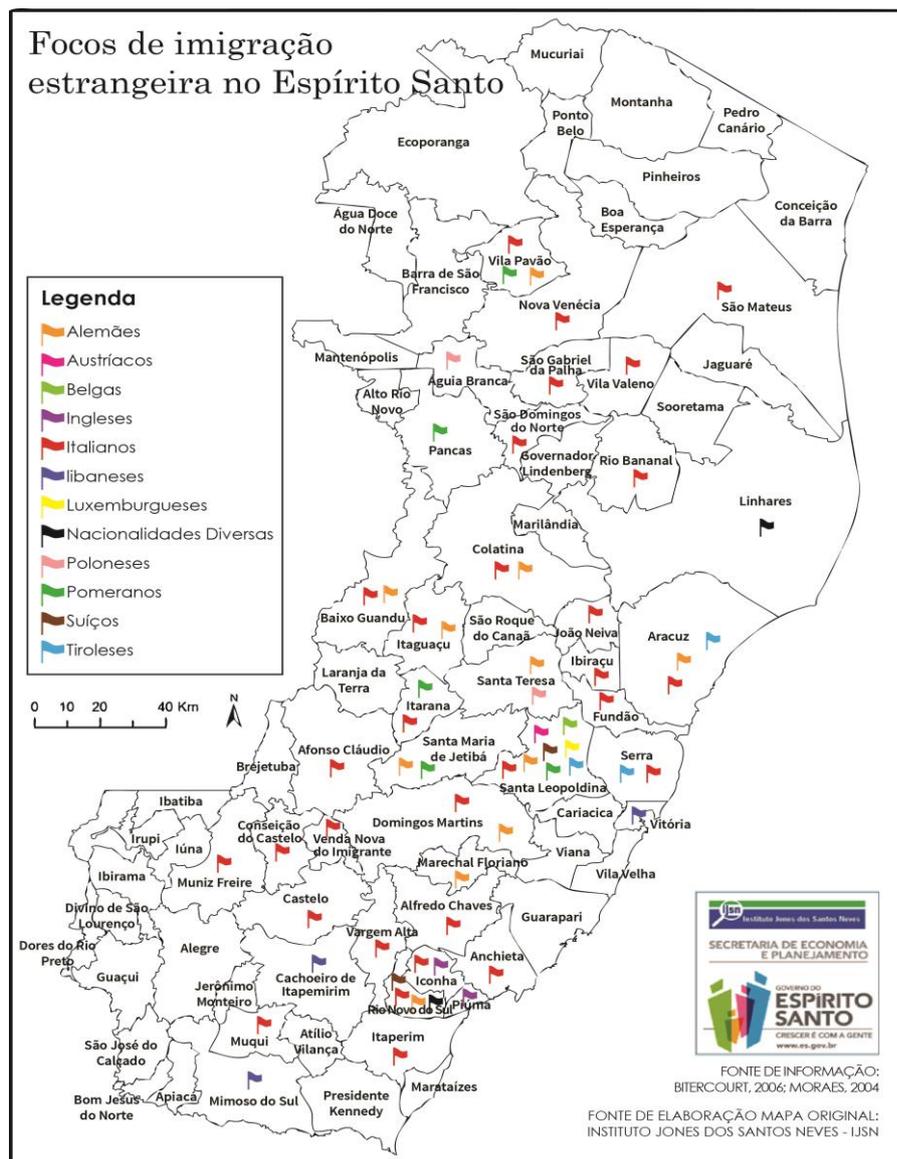
Uma dessas dificuldades estava relacionada ao trabalho: muitos se empregavam como meeiros, sendo necessário muito esforço para conseguir um lote. Aqueles que o conseguiam deveriam obter um empréstimo para iniciar o desmatamento, construir suas cabanas e cultivar a terra para o plantio. Alguns outros se tornavam diaristas, operários ou trabalhavam na construção de ferrovias ou estradas, para conseguir comprar um pedaço de terra e/ou liquidar suas dívidas.

As condições de vida também não eram favoráveis: o clima tropical e a falta de alimentação adequada trouxeram consequências graves aos imigrantes. Sem recursos financeiros, sua saúde se tornava cada vez mais debilitada, registrando-se,

nesse período, altos índices de mortalidade. Sobre o assunto, Derenzi (1974, p. 108) afirma:

A provação porque passou o imigrante, além da resistência hostil do meio físico - clima, floresta e toda a gama de obstáculos à penetração - recai sobre as condições simplistas do acordo estatístico entre os governos brasileiro e italiano. Não se resguardaram os princípios fundamentais dos direitos humanos. O imigrante era considerado apenas como um instrumento animal de trabalho. Uma vez que se lhe assegurasse a subsistência, todos os demais atributos ficavam sob os desígnios da sorte.

Com o passar dos anos, à custa de muito trabalho, os obstáculos foram sendo vencidos. Por sua vez, as famílias iam crescendo e foi preciso buscar novas terras. Atualmente, os descendentes de imigrantes italianos se encontram na maior parte dos municípios do Espírito Santo, como mostra o mapa a seguir.



Mapa 2 – Colonização italiana no Espírito Santo

FONTE: Instituto Jones dos Santos Neves, 2012. Acesso em 15 mar. 2015

Como vimos, a imigração italiana no Espírito Santo está diretamente relacionada ao trabalho (quase) escravo, à luta pela sobrevivência e à busca por melhores condições de vida. O imigrante almejava ascender e, para isso, ele e toda a sua família trabalhavam arduamente. Com o passar do tempo, após muito esforço, conseguiram dar a seus descendentes a estabilidade financeira que fizeram por merecer. Sua marca foi perpetuada não somente pelos traços físicos das pessoas que atualmente vivem no interior, mas também pelas músicas, danças, comidas, festas e traços da

língua que esses imigrantes trouxeram de sua antiga pátria. Depois de muitos anos de trabalho, conseguiram vencer os obstáculos e instruíram seus filhos, legando a eles respeito e dignidade.

3.3. A IMIGRAÇÃO ITALIANA EM SANTA TERESA

Atualmente, Santa Teresa é um município com uma população estimada de 23.432 habitantes (IBGE, 2013), localizado na Microrregião Central Serrana do Espírito Santo e que dista a 78 km da capital do estado, Vitória, pela BR 101 Norte.⁵ Entretanto, à época de sua colonização, a situação era bastante diversa da encontrada hoje.

Em 31 de maio de 1875, chegou ao Espírito Santo o navio Rivadavia, trazendo 150 famílias italianas para Santa Leopoldina e Santa Teresa. Em 26 de junho desse mesmo ano, foi realizado o sorteio dos lotes coloniais e, em 15 de outubro, foi escolhido o nome de Santa Teresa para a cidade.⁶

À semelhança do que sucedeu aos demais imigrantes europeus ao chegarem a outras cidades do estado do Espírito Santo, os italianos encontraram muitas dificuldades em Santa Teresa. Primeiramente, seria preciso desbravar o local, totalmente tomado por densa mata virgem. Por isso, passaram fome e frio, e não apenas homens, mas também mulheres e crianças. Derenzi (1974, p. 53) narra as condições dos imigrantes após as caminhadas pelo meio da mata:

Uma semana depois pareciam refugiados de guerra. Mãos calosas, sapatos em frangalhos, roupa rasgada, ferimentos, pustemas, fisionomias deformadas por picadas de mosquitos e insetos daninhos. Esta foi a grande provação porque passaram as primeiras turmas de imigrantes povoadores de Pau Gigante, Santa Tereza, Alfredo Chaves, Rio Novo e demais colônias.

⁵ Disponível em: <http://santateresa.es.gov.br/pagina/6/Localizacao.html>. Acesso em: 12 out. 2014.

⁶ Derenzi (1974) afirma que a origem do nome Santa Teresa está relacionada à história da localidade. Conta-se que, no dia 15 de outubro de 1875, os imigrantes italianos estavam à sombra do grande Pau Peba, onde se reuniam constantemente para rezar. Uma senhora devota, chamada Maria Zonta, expôs uma imagem de Santa Teresa, a mesma que trouxera da Itália. A partir desse ato, os imigrantes passaram a chamar o lugar de Santa Teresa.

Teve seus mártires cujas cruzes rústicas, por muitos anos, serviram de guardas simbólicas às covas à beira dos caminhos. Paz às suas almas!

Em segundo lugar, não houve um planejamento em Santa Teresa para receber os imigrantes, como dissemos. Havia, sim, muito interesse em povoar e desenvolver economicamente as localidades desabitadas da província do Espírito Santo. Dessa forma, muitos direitos foram violados, e as necessidades básicas referentes à educação e à saúde foram negligenciadas. O que se vê na literatura é um triste Quadro de desumanidade. Sair de sua pátria, almejar um futuro de estabilidade financeira para toda a família, trazer mais imigrantes para compartilhar o sonho de conquistas, tudo isso foi avesso à realidade que encontraram.

Apesar dessa lamentável situação, após anos seguidos de muito trabalho, os italianos conseguiram adaptar-se à mudança de clima e de forma de cultivo e garantir a sobrevivência de sua família. A expressiva maioria não teve a intenção de retornar ao país de origem, mas os imigrantes e seus descendentes mantiveram as tradições trazidas da Itália até os dias atuais. Hoje se tem consciência de que os italianos contribuíram de forma muito significativa para o Espírito Santo. No âmbito cultural, mantiveram sua culinária, seus jogos e brincadeiras, suas músicas e, durante muito tempo, sua língua. Na arquitetura, também deixaram suas marcas nas construções pela cidade: casas, lojas, capelas e igrejas. Sua contribuição também se estende à economia do estado, com a agricultura e o turismo.

Pelas entrevistas realizadas com os informantes desta pesquisa, é claramente perceptível a identidade do povo de Santa Teresa com os antepassados. Muitos dos costumes ancestrais ainda são cultivados como forma de valorização e respeito às gerações anteriores. Para essas pessoas, preservar a cultura italiana é um dever, uma homenagem aos homens e mulheres que construíram do nada uma cidade e uma vida próspera. Daí o orgulho encontrado nas feições dos teresenses.

Tendo sido expostos os caminhos que trouxeram os imigrantes da Itália até Santa Teresa, no próximo capítulo vamos nos reportar ao Referencial Teórico que sustenta nossas análises.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, encontram-se os pressupostos teóricos que embasaram a análise de nossos dados, a Sociolinguística, na vertente da Teoria da Variação e Mudança. Na segunda parte, encontram-se alguns aspectos dos sistemas fonético-fonológicos do português e das línguas de imigração do norte da Itália, especialmente do vêneto, dando-se ênfase aos fonemas /t/ e /d/ e ao processo de palatalização diante de /i/.

4.1 A SOCIOLINGUÍSTICA

Os estudos sobre o caráter social da língua tiveram início com Antoine Meillet, que se preocupou em defini-la como um fato social (CALVET, 2002 [1993]). Entretanto, Meillet não formulou nenhuma metodologia capaz de descrever e analisar a influência dos aspectos sociais sobre a linguagem. Essa tarefa coube à Sociolinguística, corrente teórica que se firmou a partir do Congresso organizado por William Bright, em 1964, na Universidade da Califórnia – Los Angeles. Esse evento reuniu pesquisadores que se tornariam referência nos estudos de língua e sociedade, como Dell Hymes, John Fisher, Henry Hoenigswald, Einar Haugen, Charles Ferguson e, principalmente o mais importante teórico, William Labov, quem sistematizou a variação inerente às línguas naturais (CALVET, 2002). Labov, portanto, muitos anos mais tarde, concretiza o que Meillet havia postulado: para ambos os autores, o estudo da língua se pauta no contexto social, formado pela comunidade linguística. Calvet (2002, p. 33) estabelece uma comparação entre o trabalho dos dois autores:

Meillet, comparatista de alto nível, trabalhou sobretudo com línguas mortas, enquanto Labov trabalha continuamente com situações contemporâneas concretas, enfrenta problemas de metodologia da pesquisa, em suma, constrói um instrumento de descrição que tenta ultrapassar, integrando-os, os métodos heurísticos da linguística estrutural.

Assim, a área que se ocupa da integração da língua com o contexto social passa a ser intitulada Sociolinguística Variacionista, Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa, entendendo a variação e a mudança linguística como pressupostos básicos de todas as línguas naturais. Labov (2008 [1972]) afirma ainda que a comunidade de fala é o lugar privilegiado da língua, sendo este o campo para as análises linguísticas. Em outras palavras, analisar a língua dentro de uma comunidade de fala significa conhecer sua sócio-história e a de seus falantes.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), ao se analisar o momento atual de uma determinada língua, é possível descobrir os fenômenos ali apresentados, relacioná-los a processos linguísticos anteriores e, então, analisar suas transformações no decorrer do tempo.

Dessa forma, a Sociolinguística, com seus pressupostos teórico-metodológicos, fornece subsídios para a descrição da variação linguística. Com isso, ela dá a conhecer os aspectos sociais relevantes para um determinado fenômeno linguístico, como o nível de escolaridade, o sexo/gênero, a idade e o perfil socioeconômico dos sujeitos e a localização da comunidade. Esses conceitos, utilizados nas pesquisas de base variacionista, são reportados a seguir.

4.1.1 A Teoria da Variação e Mudança Linguística

Vimos que foi William Labov o primeiro pesquisador a sistematizar a variação e a mudança linguística. Com suas pesquisas, Labov descreve a relação entre língua e sociedade, considerando os fatores extralinguísticos, ausentes nos modelos teóricos anteriores – o Estruturalismo e o Gerativismo. Em 1966, ao realizar seu estudo sobre a pronúncia do fonema /r/ em final de sílaba em três lojas de departamentos de Nova York, o autor verificou que essa pronúncia estava ligada a fatores relacionados às classes socioeconômicas dos clientes; à estrutura física e *status* da localização das lojas; aos preços dos itens vendidos; e aos salários pagos aos funcionários.

Em suma, os resultados obtidos por Labov revelaram uma estratificação social da pronúncia do fonema /r/, e essas questões extralinguísticas foram cruciais para o

desfecho da pesquisa. A partir desse estudo, muitos outros foram realizados e se descobriu a influência de cada aspecto social no uso da língua em comunidades reais de fala. Em outras palavras, as variáveis linguísticas estão intimamente relacionadas às variáveis extralinguísticas. Isso posto, a seguir apresentaremos as variáveis pesquisadas neste estudo, a fim de embasarmos teoricamente as análises de nossos dados.

4.1.1.1 As variáveis linguísticas

Como dissemos, os fenômenos linguísticos ocorrem de acordo com o contexto em que se encontram e sob a influência de fatores sociais. Assim, a variação acontece por influência do contexto linguístico em que se encontra a forma variante, abrangendo o léxico e os sistemas fonético-fonológico e morfossintático da língua.

Neste trabalho, pretendemos analisar um fenômeno fonético-fonológico variável: a presença ou a ausência de um traço da língua de imigração na língua portuguesa falada por nossos informantes; especificamente, a variação na pronúncia dos fonemas /t/ e /d/ diante de /i/, que se realizam de formas diferentes nessas línguas: enquanto o português falado em Vitória, a capital do Espírito Santo, apresenta o processo de palatalização, nas línguas de imigração esse processo não se dá.

Assim, a variação ocorre devido à influência do sistema fonético-fonológico da língua de imigração, falada por muitos anos pelos imigrantes e seus descendentes, no português aprendido tardiamente pelos primeiros imigrantes e passado às gerações seguintes. Os sistemas fonológicos das línguas envolvidas serão descritos, resumidamente, ao final deste capítulo. A seguir, então, abordaremos as variáveis sociais pesquisadas.

4.1.1.2 As variáveis sociais ou extralinguísticas

Como sabemos, numa pesquisa sociolinguística, não basta descrever e analisar os aspectos relacionados estritamente à língua, mas também é preciso que seja levado em conta tudo aquilo que diz respeito ao contexto social pesquisado. Assim, é fundamental estudarmos as variáveis sociais, pelo fato de que elas condicionam a variação linguística. A seguir apresentaremos as variáveis extralinguísticas que são pesquisadas neste trabalho: sexo/gênero, idade e escolaridade dos informantes.

4.1.1.2.1 A variável *sexo/gênero*

Antes de abordarmos especificamente esta variável, achamos importante estabelecer a diferença entre estes dois conceitos: *sexo* e *gênero*. Sobre isso, Chambers (2003, pág. 103) diz:

A distinção entre “sexo” e “gênero” reconhece essencialmente diferenças biológicas e socioculturais. A biologia da masculinidade e da feminilidade – isto é, diferenças de sexo – começa a se diferenciar antes do nascimento, logo após a concepção. (...) A sociologia da masculinidade e da feminilidade – gênero – se diferencia após o nascimento.⁷

Chambers (2003) afirma que o termo *sexo* se refere aos aspectos biológicos de homens e mulheres, e aí as diferenças são variadas. Já o termo *gênero*, segundo o autor, diz respeito aos papéis sociais exercidos por eles em cada sociedade.

Não há, ainda, um consenso entre os autores sobre a adoção de cada um desses termos; um e outro são utilizados pelos sociolinguistas do Brasil e do exterior. Pelo fato de não nos atermos a essa questão terminológica, utilizaremos, nesta pesquisa, a expressão *sexo/gênero*.

⁷ No original: “The distinction between “sex” and “gender” essentially recognizes biological and sociocultural differences. The biology of masculinity and femininity – that is, sex differences – begins to differentiate prenatally, soon after conception. (...) The sociology of masculinity and femininity – gender – differentiates postnatally”.

Voltando ao principal objetivo desta subseção, cumpre dizer que os diversos estudos sociolinguísticos levados a cabo em muitas e diferentes localidades do mundo atestam que existem diferenças entre a linguagem de homens e mulheres (cf. CHAMBERS, 2003). Essas pesquisas demonstram que:

- a) as diferenças entre homens e mulheres se dão principalmente no nível lexical. Por exemplo, os diminutivos e os termos de conotação mais afetiva são preferencialmente usados pelas mulheres;
- b) as mulheres são mais sensíveis às normas de prestígio que os homens, ou melhor, as mulheres normalmente dão preferência às formas não estigmatizadas na comunidade;
- c) no caso de mudança linguística, as mulheres tenderão à liderá-la, desde que não se trate de uma variante inovadora estigmatizada socialmente.

É inegável o fato de que homens e mulheres se comportam de formas diferenciadas, seja na maneira de se vestir, de trabalhar ou de se comunicar em vários ambientes e, evidentemente, essas diferenças se estenderão à língua.

A razão do comportamento diferenciado entre homens e mulheres tem originado discussões entre os sociolinguistas. É fato que as mulheres geralmente se saem melhor que os homens em testes de habilidades verbais, independentemente de seu país e de sua cultura. Dessa forma, a melhor performance feminina se justificaria cognitivamente, pela compleição de seu cérebro ou de suas faculdades intelectuais (CHAMBERS, 2003).

Por outro lado, a superioridade do desempenho linguístico feminino não é expressiva nem categórica, o que leva os sociolinguistas a buscarem no contexto social as causas para a predileção das mulheres para as formas padrão da língua. Para esses pesquisadores, o comportamento linguístico feminino está relacionado à pressão social que ela sofre, não somente em termos de linguagem, mas também de suas atividades em família, de sua atuação profissional e até de sua aparência física. Assim, as diferentes maneiras de homens e mulheres exercerem seu papel como

elementos da comunidade e a maior preocupação das mulheres com os aspectos sociais que a envolvem se estendem para a forma como cada um deles fala (CHAMBERS, 2003; LABOV, 2001; etc.)

É importante salientar também que o fator *sexo/gênero* não deve ser analisado isoladamente, pois sua atuação depende de outros fatores extralinguísticos. Portanto, ao analisarmos as diferenças linguísticas entre homens e mulheres, devemos avaliar a idade e a escolaridade dos indivíduos em questão, pois elas poderão esclarecer os resultados encontrados.

Assim sendo, para que a análise desta variável seja satisfatória, é preciso que se atentem para as peculiaridades de cada comunidade, pois, para se chegar a qualquer conclusão a respeito do comportamento linguístico de homens e mulheres, é necessário analisar outros aspectos sociais aí envolvidos.

4.1.1.2.2 A variável *idade*

A variável extralinguística *idade* também é de extrema relevância para as pesquisas sociolinguísticas variacionistas, pois, por meio dela, é possível averiguar se está havendo uma mudança linguística em determinada comunidade.

De acordo com Chambers (2003), diversas pesquisas sociolinguísticas, realizadas em diferentes comunidades do mundo, demonstram que a linguagem muda ao longo do tempo, e os indivíduos, principalmente pela influência dos amigos e pelas pressões sociais, alternam sua forma de falar. Assim, os pesquisadores, tradicionalmente, relacionam o desenvolvimento psicobiológico das pessoas às suas condutas sociais, para proporem diferentes períodos linguísticos.

Chambers (2003), por exemplo, ao tratar da variável *idade*, apresenta basicamente quatro faixas etárias, vinculadas às diferentes fases de vida do indivíduo: a infância, a adolescência, a idade adulta e o período da maturidade.

A primeira fase é a da infância. Conforme Chambers (2003), a criança aprende a falar sob influência direta da família ou daqueles que estão mais próximos a ela. À medida

que ela cresce e começa a frequentar a escola ou outros lugares públicos, seu contato com os novos amigos e com os professores faz com que seu vocabulário se expanda e sua linguagem se modifique. É nessa fase que a linguagem infantil se torna semelhante à da comunidade, e os sotaques familiares, se houver, são uniformizados.

Na adolescência, apresenta-se um novo quadro: o indivíduo se encontra vivendo uma fase de turbulência, estando psicologicamente instável, e isso se reflete em sua linguagem. Os sentimentos de contestação e de rebeldia fazem dos adolescentes seres propícios a iniciar mudanças sociais e também linguísticas. O uso de gírias ou de marcas próprias de certos grupos torna a linguagem do adolescente diferente da linguagem do adulto e da criança. Daí serem eles os introdutores de variantes inovadoras e os impulsionadores das mudanças linguísticas.

Outra questão importante acerca dos adolescentes e de sua linguagem é a associação e a fidelidade a seu grupo, características que os fortalecem e os tornam capazes de criar vínculos bastante sólidos com os amigos. Transportando essas características para a língua, temos que, nesse estágio, as normas linguísticas do grupo podem ser mais fortes que as da família e, principalmente, da escola, não lhes importando as regras da variedade de prestígio.

Passada a fase turbulenta da adolescência, o indivíduo entra na idade adulta, a qual é marcada pela busca da realização profissional. Nesse contexto, a linguagem também sofre modificações, pois o indivíduo procura adequá-la ao seu desejo de ascensão e ao que o mercado de trabalho lhe exige em termos linguísticos. Daí que a ambição profissional é um forte estímulo ao desempenho linguístico do adulto: quanto mais desejar ascender socialmente e/ou ter carreiras elitizadas, mais o indivíduo tenderá a adequar sua fala à dos companheiros de profissão, optando pela variedade padrão da língua.

A última fase proposta pelos autores é a da maturidade, da aposentadoria, quando os sujeitos, livres da pressão social e do mercado linguístico, podem voltar a utilizar a linguagem mais descontraída de sua juventude. Entretanto, vale esclarecer que, depois da adolescência, normalmente as modificações pelas quais passa a linguagem

são majoritariamente lexicais. Poucas alterações nos níveis mais profundos da língua se verificam.

4.1.1.2.3 A variável escolaridade

Outra variável de suma importância para esta pesquisa é a escolaridade dos informantes, tendo em vista que a escola, ao privilegiar a variedade padrão da língua, normalmente tenta erradicar todas as formas que dela se desviam. Assim, quanto mais tempo o indivíduo frequentar a escola, mais deverá apropriar-se das formas de prestígio, impostas por ela, e a abandonar a linguagem de sua família e de seu grupo social, se ela for diferente da variedade padrão. Por outro lado, quanto menos escolaridade esse indivíduo tiver, mais o seu vernáculo deverá ser mantido. Segundo Votre (2008, pág. 51):

A observação do dia-a-dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudanças em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever. Compreende-se, nesse contexto, a influência da variável nível de escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança.

Nessa perspectiva, a escolaridade pode determinar o grau de manutenção de formas estigmatizadas em uma determinada comunidade. No caso específico desta pesquisa, ao conversarmos com nossos informantes, foi possível perceber a influência da escola para que a língua de imigração deixasse de ser falada e que suas marcas desaparecessem.

Temos, então, que a presença dos traços fonéticos da língua ancestral no português está diretamente relacionada ao tempo que os sujeitos passaram na escola. Assim, partimos da hipótese de que os descendentes de italianos com até oito anos de escolarização deverão falar o português com influência de traços da língua de imigração, ao passo que os informantes com mais de oito anos de escolarização

deverão pronunciar o português sem essa influência. E, como veremos adiante, esse fato é atestado na presente pesquisa.

Diante do exposto, pode-se concluir que existem, de fato, muitas diferenças na linguagem dos indivíduos, dependendo de sua faixa etária e de outros fatores a ela relacionados. Crianças, adolescentes, adultos e idosos se comportam de forma diferenciada fisiológica e socialmente; assim, seu comportamento linguístico acompanha essas diferenças. Segundo Naro (2008, pág. 43),

(...) Nos eixos sociais, por exemplo, os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas, o que pode acontecer também com as pessoas mais escolarizadas, ou das camadas da população que gozam de maior prestígio social, ou ainda de grupos sociais que sofrem pressão social normalizadora, a exemplo do sexo feminino de maneira geral, ou das pessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem uma boa apresentação para o público. E mesmo uma única pessoa pode escolher uma forma mais conservadora numa situação formal, preferindo outra forma mais atual em conversa informal.

Por isso, nesta pesquisa, foram entrevistados indivíduos de diversas faixas etárias, o que nos auxiliará na compreensão dos motivos pelos quais suas escolhas linguísticas foram feitas.

Tendo sido expostas as variáveis que serão testadas neste estudo, a seguir abordaremos algumas questões a respeito da mudança linguística.

4.1.2 A mudança linguística

Os estudos sobre a mudança linguística iniciaram-se no século XIX, com os comparatistas, os quais recebem esse nome por compararem elementos gramaticais de línguas vivas com a estrutura de línguas já não mais faladas, como o latim, o grego antigo e o sânscrito (WEEDWOOD, 2002). Duas das principais conclusões a que esses pesquisadores chegaram, as quais interessam mais de perto a esta pesquisa, foram: a) todas as línguas variam; e b) com o tempo, essa variação pode levar às

mudanças linguísticas⁸. Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 125), a respeito dos princípios da mudança linguística, afirmam:

A mudança linguística não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.

Dessa forma, chegamos ao seguinte postulado: nem toda variação leva à mudança linguística, mas esta é obrigatoriamente originada pela variação. Ambas são partes constitutivas das línguas e têm ligação estreita com as relações que os indivíduos estabelecem em uma determinada comunidade. Nesse viés, para compreender a mudança linguística, é preciso conhecer a comunidade, saber como se dá a sua dinâmica. Com base nesses dados, será possível determinar a influência de fatores como a idade, escolaridade, procedência geográfica - entre outros - sobre os fatores linguísticos.

Para se proceder à análise da mudança, levando-se em conta os aspectos linguísticos e extralinguísticos envolvidos, Weinreich, Labov e Herzog (2006) apresentam cinco princípios, ou cinco problemas, a serem resolvidos. Tarallo (1994, p. 73-74), discutindo esses mesmos princípios, transforma-os em perguntas, as quais reproduzimos abaixo:

Fatores condicionadores. Quais são os fatores gerais efetivos para a mudança – se é que existem – que determinam e distinguem possíveis mudanças de mudanças impossíveis do sistema e que, ao mesmo tempo, apontam direções de mudança?

Encaixamento. Como uma determinada mudança linguística se encaixa no sistema circundante de relações sociais e linguísticas?

⁸ Outra conclusão a que os comparatistas chegaram foi a regularidade das leis fonéticas, na mudança linguística. Segundo eles, a mudança sonora não admitia exceção. Se houvesse, ela seria explicada por analogia ou por empréstimo (cf., entre outros, WEEDWOOD, 2002; ROBINS, 2004)

Avaliação. Como os membros de uma determinada comunidade avaliam a mudança linguística e, em especial, quais são os efeitos dessa avaliação sobre o processo de mudança em si?

Transição. Como e por quais caminhos a língua muda?

Implementação. Por que, quando e onde determinada mudança ocorreu?

A mudança linguística pode ser estudada por basicamente duas formas: em tempo aparente e em tempo real. A seguir, falaremos sobre cada uma delas.

4.1.2.1 A mudança linguística em tempo aparente

A análise da mudança linguística em tempo aparente é fundamental para qualquer pesquisa variacionista. Trata-se da relação entre a aplicação de um fenômeno sob investigação associada à variável faixa etária. Em outras palavras, se o uso de uma variante for mais frequente entre os indivíduos mais jovens de uma comunidade, de forma que adultos e idosos não a utilizem ou utilizem pouco, dizemos que estamos diante de uma mudança em progresso.

Entretanto, nem sempre é possível ter certeza de se tratar de mudança em tempo aparente, já que outros processos podem estar acontecendo. É o caso da gradação por idade, também conhecida por *mudança age grading*, em que uma variante, normalmente não aceita pela comunidade, é usada pelas crianças. À medida que elas crescem, entram para a escola e tomam contato com as normas linguísticas da comunidade, abandonam essa variante e passam a adotar a socialmente aceita.

Um exemplo do padrão *age grading* é dado por Chambers (2003). Segundo o autor, as crianças canadenses, ao assistirem a programas infantis norte-americanos, aprendem a pronunciar a letra Z como [zi:], a forma padrão do inglês dos Estados Unidos. Quando vão para a escola, mudam a sua pronúncia, adotando a padrão do Canadá, que é [zɛd].

4.1.2.2 A mudança em tempo real

Outra forma de estudarmos a mudança linguística é procedendo ao seu estudo em tempo real. O tempo real consiste de uma pesquisa em duas fases distintas da língua, quando o mesmo fenômeno linguístico poderá ser comparado em dois ou mais períodos de tempo. Esse tipo de pesquisa apresenta muitas dificuldades para o pesquisador, uma vez que é preciso ter em mãos textos escritos ou gravações antigas para compará-los com os mais recentes, o que nem sempre é fácil de ser conseguido. Entretanto, a despeito das dificuldades encontradas numa pesquisa dessa natureza, os dados obtidos geralmente são preciosos para a análise do percurso histórico do fenômeno linguístico ou mesmo da língua.

Por fim, é preciso dizer que a mudança linguística em tempo aparente e a mudança em tempo real geram diferentes situações linguísticas numa comunidade. No Quadro a seguir, Labov (1994, p. 83, Tabela 4.1.) estabelece uma relação entre tempo aparente e tempo real, e mostra os quatro padrões básicos de mudança linguística, levando em consideração a comunidade ou seus indivíduos isoladamente.

	Indivíduo	Comunidade
1. Estabilidade	Estável	Estável
2. Gradação por idade	Instável	Estável
3. Mudança geracional	Estável	Instável
4. Mudança da comunidade	Instável	Instável

Quadro 2 - Padrões de mudança linguística nos indivíduos e na comunidade

Fonte: Labov (1994, p. 83, Tabela 4.1.)

Segundo o autor, se não houver mudança no comportamento linguístico do indivíduo ao longo de sua vida, nem no comportamento da comunidade, então haverá estabilidade.

No caso do segundo padrão, ou seja, de os falantes mudarem seu comportamento linguístico ao longo de suas vidas, mas a comunidade como um todo não mudar, o padrão será de *gradação por idade*.

O terceiro padrão – *mudança geracional* – é o tipo mais comum de mudança linguística, que os autores tratam por mudança em progresso. Aqui, o falante mantém a frequência de uma determinada variável ao longo de sua vida; entretanto, há um aumento nos valores adotados por outros falantes, incrementados pelas gerações subsequentes, até haver a mudança.

O quarto padrão – *mudança da comunidade* – é o padrão em que todos os membros da comunidade variam a frequência de uso de uma variável conjuntamente, ou adquirem novas formas simultaneamente.

No caso deste estudo, verificaremos o terceiro padrão da mudança, isto é, a mudança geracional, tentando observar se a pronúncia de /t/ e /d/ diante de /i/ com influência da língua de imigração está ou não sendo mantida, na comunidade de Santa Teresa.

Tendo sido expostos os princípios fundamentais, para nossa pesquisa, da Teoria da Variação e Mudança, passaremos a abordar outro tema que será importante para a embasarmos a análise de nossos dados: os aspectos fonético-fonológicos do línguas de imigração italianas e do português, especialmente quanto aos fonemas /t/ e /d/ e ao processo da palatalização.

4.2 ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DO PORTUGUÊS E DAS LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO ITALIANAS

Esta segunda parte do presente capítulo se divide em duas seções: na primeira, apresentaremos o sistema fonético-fonológico do português e, na segunda, o sistema fonético-fonológico das línguas de imigração italianas, a fim de melhor descrevermos o objeto de nosso estudo.

Entretanto, antes de prosseguirmos, faz-se importante registrar que há poucas pesquisas relacionadas a estudos fonéticos-fonológicos em Vitória e menos ainda em Santa Teresa, como também há poucos estudos comparando os diferentes estágios das línguas de imigração italianas e destas com o português. Assim, justificamos a limitação da abordagem sobre o sistema fonológico atual das línguas de imigração,

apresentado posteriormente. A seguir, então, passaremos à descrição dos fonemas /t/ e /d/ do português.

4.2.1 O sistema fonológico do português – os fonemas /t/ e /d/

Cristófar-Silva (2011, p.110) afirma que a fonologia é “a disciplina que investiga o componente sonoro das línguas naturais do ponto de vista organizacional”. Assim, é sabido que todas as línguas naturais se compõem de um sistema fonológico, composto por uma quantidade limitada de fonemas. Câmara Jr. (2011, p. 50) propôs, em 1953, um Quadro com 19 consoantes portuguesas.

/p/	/b/	/f/	/v/	/m/		
/t/	/d/	/s/	/z/	/n/	/l/	/r/
/k/	/g/	/ʃ/	/ʒ/	/ɲ/	/ʎ/	/r/

Quadro 3 – Fonemas consonantais do português
Fonte: Câmara Jr. (2011, p. 50, adaptado).

Abaixo, podemos ver o Quadro com a classificação das consoantes do português (CALLOU; LEITE, 2009, p. 71).

	Oclusivas		Fricativas		Nasais	Laterais	Vibrantes
	Surda	Sonora	Surda	Sonora			
LAB.	p	B	f	v	m		
ANT.	t	D	s	z	n	l	R
POST.	k	G	ʃ	ʒ	ɲ	ʎ	R

Quadro 4 – Classificação dos fonemas consonantais do português
Fonte: Callou e Leite (2009, p. 71)

As consoantes de que trata este estudo são as oclusivas dentais /t/ e /d/. As consoantes oclusivas se caracterizam por uma obstrução completa da passagem da corrente de ar pela boca e, em seguida, uma soltura imediata do ar. Já as consoantes dentais são aquelas em que o ápice da língua toca os alvéolos ou a parte posterior dos dentes frontais.

Sabemos que, em algumas variedades do português do Brasil, as consoantes /t/ e /d/ seguidas de /i/ são pronunciadas como [ti] ou [di]. Entretanto, em outras variedades, esses mesmos fonemas sofrem o processo de palatalização, tornando-se, então, africadas: [tʃi] ou [dʒi] (SILVA, 2013). Sobre essa variação, explicam Frosi e Mioranza (1983, p. 364):

As consoantes t e d têm, respectivamente, no português padrão, duas variantes definidas, uma oclusiva, outra africada. Trata-se de um caso de distribuição posicional de alofones. A variante africada realiza-se diante da vogal i; a variante oclusiva, nos demais contextos fonológicos.

O processo de palatalização é um “fenômeno pelo qual uma consoante adquire uma articulação palatal ou próxima à região palatal” (SILVA, 2011, p. 168). De acordo com Silva (2013), a pronúncia de /t/ e /d/ palatalizada – como [tʃ]ia e [dʒ]ia, por exemplo – é típica da maioria dos falantes brasileiros, sendo normalmente usada no Sudeste brasileiro, ocorrendo também no Norte e Nordeste. No português falado na Grande Vitória, /t/ e /d/ diante /i/ sofrem o processo de palatalização e, portanto, a pronúncia não marcada dessa capital para os dois fonemas, é: [ta, te, tɛ, **tʃi**, to, tɔ, tu] ou [da, de, dɛ, **dʒi**, do, dɔ, du].

Todavia, como veremos adiante, descendentes de italiano da zona urbana de Santa Tereza variam essa pronúncia, devido à influência da língua de imigração falada na localidade, já que, tanto no italiano *standard* quanto nas línguas daquela península, o processo de palatalização de /t/ e /d não se verifica. Este é o tópico que abordaremos na próxima subseção.

4.2.2 Os fonemas /t/ e /d/ nas línguas de imigração italianas

Tendo em vista o contexto histórico e social da colonização italiana em Santa Teresa, tanto a Sede como a zona rural desse município contam com descendentes de imigrantes que vieram de diferentes regiões da Itália. Sabendo-se que essas regiões, antes da unificação italiana, eram reinos distintos, e que cada população falava uma língua e suas variedades, é difícil estabelecer com exatidão qual(is) sistemas fonológicos entrou(aram) em contato com o português.

Entretanto, segundo Frosi e Mioranza (1983, p. 137, Quadro 18), todas as variedades dialetais do norte da Itália, bem como o italiano padrão, apresentam uma distinção fonológica entre /t/, /d/, /tʃ/ e /dʒ/. A título de exemplo, a seguir encontra-se um Quadro com os fonemas consonantais das variedades vênetas, faladas pela maior parcela de imigrantes chegados ao estado.

		Bilabiais	Labio-dentais	Inter-dentais	Alveo-dentais	Palatais	Velares
Oclusivas	surdas	p			t		k
	sonoras	B			d		g
Africadas	surdas					tʃ	
	sonoras					dʒ	
Nasais		M			ɲ		
Fricativas	surdas		f	θ	s		
	sonoras		v		z		
Líquidas	Vibrante				r		
	lateral				l		

Quadro 5 – Consoantes das variedades vênetas

Fonte: Frosi e Mioranza (1983, p. 92, Quadro 7)

Observando o Quadro acima, vemos que as oclusivas /t/ e /d/ e as africadas /tʃ/ e /dʒ/⁹ são fonemas distintos, no sistema fonológico do vêneto. Também o são no sistema fonológico das línguas do norte da Itália e do italiano padrão, sendo realizados como [t], [d], [tʃ] e [dʒ] diante de qualquer vogal. Exemplos do italiano padrão são:

/t/: 'tintura' e /tʃ/: 'cinque' [cinco]

/d/: 'dialetto' e /dʒ/: 'giorno' [dia]

Dessa forma, enquanto que, no português, como vimos anteriormente, [t] ~ [tʃ], e [d] ~ [dʒ] são consideradas variações alofônicas em um contexto específico - diante da vogal alta anterior -, nas línguas italianas de imigração se trata de consoantes distintas; portanto, a sua troca implica mudança de sentido. Para Frosi e Mioranza (1983, p. 364),

o fenômeno linguístico da realização de [t] e [d] diante da vogal anterior alta encontra explicação no fato de que o falante opera transferindo para a sua fala de língua portuguesa a estrutura específica que mantém [t] e [d] como oclusivas no sistema fonológico de sua língua materna, em qualquer contexto vocálico. [...] Conclui-se, pois, que o fenômeno da não realização das africadas correspondentes a t e d constitui-se numa interferência fônica do dialeto italiano no sistema fonológico da língua portuguesa. [...] é uma regra fonológica do dialeto italiano que o falante ítalo-brasileiro aplica em sua fala de língua portuguesa.

Temos, assim, que os primeiros descendentes de imigrantes, seguindo o sistema fonológico de sua língua materna, não variavam a pronúncia das oclusivas /t/ e /d/, como os brasileiros. Essa pronúncia foi transmitida às gerações seguintes, enquanto

⁹Os fonemas /tʃ/ e /dʒ/ correspondem, nos símbolos do International Phonetic Alphabet – IPA –, a /tʃ/ e /dʒ/, respectivamente.

o contato com o português foi escasso. Atualmente, as formas [tʃ] e [dʒ] – inovadoras - entraram no repertório dos moradores de Santa Teresa, juntamente com as conservadoras [t] e [d]. Os contextos linguísticos e sociais que regem essa variação são, exatamente, o tema desta pesquisa.

Tendo sido expostos os pressupostos teóricos em que se baseia esta pesquisa, no próximo capítulo apresentaremos os procedimentos metodológicos que a nortearam.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos utilizados em nossa pesquisa: a descrição da comunidade estudada, as características dos informantes, a variável e as variantes pesquisadas, e a coleta e o tratamento dos dados. Iniciemos pela comunidade selecionada, Santa Teresa.

5.1 A COMUNIDADE DE SANTA TERESA

Para realizarmos esta pesquisa, sobre a influência do sistema fonológico da língua de imigração no português, a comunidade selecionada foi a zona urbana de Santa Teresa, pelas seguintes razões:

- i) a localidade foi a primeira a receber imigrantes italianos no Espírito Santo, apresentando um rico material social e histórico para o estudo do contato linguístico;
- ii) apesar de sua importância para as pesquisas sociolinguísticas, a comunidade ainda conta com poucos estudos de contato linguístico. Dessa forma, acreditamos que esta pesquisa poderá contribuir para ampliar nossos conhecimentos acerca do tema;

Santa Teresa é um município localizado na região serrana do Espírito Santo, a 78 km da capital, Vitória. Tem uma área de 694,53 km², correspondente a 1,51% do território estadual, e está subdividida em seis distritos: Santa Teresa (Sede), Alto Santa Maria, Santo Antônio do Canaã, São João de Petrópolis, Vinte e Cinco de Julho e Alto Caldeirão. Sua população estimada para 2014 é de 23.585 habitantes (IBGE, 2014)¹⁰, sendo composta basicamente por descendentes de imigrantes

¹⁰ Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 jul. 2015.

italianos e também alemães. O município tem altitude média de 675 metros, o que lhe confere uma temperatura média anual amena, de 16 °C. (PMST, 2014). Sua base econômica está na agricultura e no turismo, com destaque para a sua enorme riqueza em biodiversidade e cultura.

Podemos observar, no mapa abaixo, a localização geográfica de Santa Teresa e, nas fotografias, a vista aérea da zona urbana e a praça central da cidade, respectivamente.



Mapa 3 – Localização geográfica de Santa Teresa, ES

Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Teresa¹¹.

¹¹ Disponível em: <http://santateresa.es.gov.br>. Acesso em: 17 out. 2014



Fotografia 1 – Vista aérea de Santa Teresa

Fonte: www.google.com.br. Acesso em: 17 out. 2014.



Fotografia 2 – Praça central de Santa Teresa

Fonte: www.google.com.br. Acesso em: 17 out. 2014.

Em resumo, a escolha da comunidade se deve ao intenso contato linguístico que aí ocorreu e à necessidade de que se descrevam e analisem as consequências sociolinguísticas desse contato. Acreditamos que pesquisas como esta possam contribuir para que a linguagem falada no município seja mais conhecida, respeitada e valorizada.

5.2 OS INFORMANTES E A COLETA DE DADOS

Concordando com Labov (2008, p. 18), quando este afirma que “aqueles que têm se servido dos recursos reais da comunidade de fala descobrem que o trabalho de campo é uma rica fonte que nunca se esgota”, procuramos estudar a língua no seio da comunidade de Santa Teresa.

Sobre isso Cagliari (p.112, 2002) diz:

Ao analisar a língua de uma pessoa, obtém-se uma representação da língua bem definida, embora restrita a um falante. Como ele não é um ser isolado linguisticamente, sua fala revelará infalivelmente a maneira como a comunidade a que pertence usa a língua portuguesa, pelo menos com relação à maioria dos fatos.

Dessa maneira, ao registrar a linguagem dos moradores de Santa Teresa, trabalhando com dados reais de fala, forneceremos um retrato da variação linguística da comunidade e das consequências do contato entre a língua de imigração e o português.

O *corpus* desta pesquisa foi formado em duas etapas: a primeira, coletada por Joyce Leite Marinho, no segundo semestre de 2012, com 13 entrevistas; a segunda, coletada por nós, no início de 2015, com mais 11 entrevistas.

Todos os dados coletados foram obtidos por meio de entrevistas sociolinguísticas com descendentes de imigrantes italianos que nasceram ou que chegaram à zona urbana de Santa Teresa com menos de 08 anos de idade.

Os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente, por indicação de amigos e conhecidos das entrevistadoras. Os sujeitos foram classificados de acordo com seu sexo/gênero, idade (12 a 25; de 26 a 50; e acima de 50 anos) e dois níveis de escolaridade (de 0 a 08 e acima de 08 anos de escolarização). Todos tiveram conhecimento de que as entrevistas seriam gravadas e que suas identidades seriam mantidas em sigilo, fato com o qual concordaram expressamente, no início das gravações e pela assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXOS C e D).

As entrevistas foram realizadas individualmente nas casas dos entrevistados ou em escolas. Seguiu-se um roteiro de entrevista (ANEXOS A e B) com perguntas relacionadas à história da imigração italiana e da comunidade, à vida dos antepassados na Itália e no Brasil, às experiências pessoais e/ou familiares, à manutenção da cultura italiana pelos moradores etc. No Quadro a seguir, podemos ver a caracterização dos informantes.

Informantes	Faixa etária	Sexo/Gênero	Escolaridade (em anos)
01	Jovens (12 a 25 anos)	F	EF (0 a 08)
02	I	F	EF
03	I	M	EF
04	I	M	EF
05	I	F	EM (+ de 08)
06	I	F	EM
07	I	M	EM
08	I	M	EM
09	Adultos (26 a 50 anos)	F	EF
10	II	F	EF
11	II	M	EF
12	II	M	EF
13	II	F	EM
14	II	F	EM
15	II	M	EM
16	II	M	EM
17	Idosos (+ de 50 anos)	F	EF
18	III	F	EF
19	III	M	EF
20	III	M	EF
21	III	F	EM
22	III	F	EM
23	III	M	EM
24	III	M	EM
Total	24 informantes		

QUADRO 6: Informantes da zona urbana da Santa Teresa

5.3 O FENÔMENO PESQUISADO

Nesta seção, apresentaremos o fenômeno analisado nesta pesquisa. Como dissemos, os estudos sociolinguísticos – especificamente os que seguem os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança – buscam estabelecer os contextos linguísticos e sociais que condicionam a linguagem numa determinada localidade. Dessa forma, a seguir explicitaremos o leque da variação que este estudo analisa.

5.3.1 A variável dependente

Este trabalho tem como tema a variação da pronúncia dos fonemas /t/ e /d/ diante de /i/ pelos teresenses da zona urbana, tendo em vista o intenso contato entre as línguas faladas no norte da Itália e o português. Essa é a nossa variável dependente.

Antes de prosseguirmos, porém, cumpre-nos estipular os fones que representam o fonema /i/. Sabemos que as vogais, dependendo da sílaba em que se encontram, podem ser tônicas ou átonas. No caso da vogal /i/, ela é representada pelos fones: [i] – no caso de ser uma vogal tônica, como ‘**dia**’ ou ‘**tinha**’ – ou [ɪ] – no caso de ser átona, como em ‘índice’ ou ‘íntimo’. Entretanto, em nossos dados também encontramos /i/ produzido como um glide [j], como em ‘índio’. Casos como este último também foram codificados e analisados. Isso posto, temos, a seguir, as nossas variantes:

- 1) a pronúncia dos fonemas /t/ e /d/ com influência da língua de imigração, ou seja, [t] e [d] diante de qualquer vogal;
- 2) a pronúncia dos fonemas /t/ e /d/ com influência da variedade capixaba do português, ou seja, a sua palatalização diante de /i/, seja este representado pelos fones [i], [ɪ] ou [j].

5.3.2 As variáveis independentes

Um dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança é que um fenômeno linguístico – a variável dependente – é condicionado por fatores de ordem interna e externa ao sistema linguístico, que são as variáveis independentes. Os fatores de ordem interna são as variáveis linguísticas, e os de ordem externa, as variáveis extralinguísticas ou sociais. Nas próximas subseções, descreveremos essas variáveis.

5.3.2.1 As variáveis linguísticas

Conforme dissemos, nesta pesquisa interessa-nos analisar a variação de pronúncia dos fonemas /t/ e /d/ diante de /i/ numa situação de contato entre uma língua de imigração – minoritária – e a língua portuguesa – majoritária. Tendo em vista esse objetivo e com base nos estudos listados no capítulo 2 deste trabalho, as variáveis linguísticas estipuladas por nós são:

Classe gramatical da palavra em que se encontra o alvo	Verbo
	Não verbo
Posição do alvo na sílaba	Tônica
	Pretônica
	Postônica medial
	Átona final
Nasalização da vogal seguinte ao alvo	Oral
	Nasal

QUADRO 7 – As variáveis linguísticas pesquisadas

5.3.2.2 As variáveis extralinguísticas

As variáveis sociais por nós investigadas são as mais testadas em estudos variacionistas realizados no Brasil, as quais se mostram relevantes para compreendermos o fenômeno estudado: faixa etária, sexo/gênero e escolaridade.

Faixa etária	12-25 anos
	26-50 anos
	+ 50 anos
Sexo/Gênero	Feminino
	Masculino
Nível de escolaridade	Até 08anos
	+ 08 anos

QUADRO 8 – As variáveis sociais pesquisadas

5.4 A TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas ortograficamente. Entretanto, como nosso estudo trata de um fenômeno fonético-fonológico, as 24 entrevistas foram ouvidas diversas vezes, a fim de nos certificarmos dos fones produzidos pelos informantes e, assim, procedermos à codificação correta dos dados, conforme discriminamos a seguir.

5.5 A CODIFICAÇÃO E O TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS

Todas as ocorrências de /t/ e /d/ diante de /i/ foram codificadas, e obtivemos um total de 4.557 dados, sendo 2.174 ocorrências do fonema /t/ e 2.383 do fonema /d/. Neste ponto, cabe frisar que a nossa análise se deu com todas as realizações desses fonemas; assim, as palavras que continham mais de um /t/ ou /d/ receberam uma

codificação para cada ocorrência. Palavras como ***dificuldade***, ***profundidade***, ***antigamente*** e ***ultimamente*** são alguns exemplos encontrados nem nosso corpus.

Feitas as devidas codificações, utilizamos o programa estatístico Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), o qual selecionou as variáveis significativas para a ocorrência do fenômeno em questão. Os resultados obtidos por meio do Programa foram dispostos em tabelas e, posteriormente, analisados.

Tendo sido apresentados os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, no próximo capítulo apresentaremos as análises de nossos dados.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, analisaremos os resultados obtidos quanto à realização dos fonemas /t/ e /d/ diante de /i/ encontrados nas 24 entrevistas realizadas na zona urbana de Santa Teresa. Como dissemos, foram codificados e tratados estatisticamente um total de 2174 dados de /t/ e de 2383 dados de /d/, sendo que 252 (11,6%) e 409 (17,2%), respectivamente, apresentaram influência da língua de imigração no português falado pelos informantes.

Vimos que as variáveis testadas nesta pesquisa foram:

- a) linguísticas: classe gramatical da palavra, tonicidade da sílaba e nasalidade da vogal que segue a forma;
- b) extralinguísticas ou sociais: faixa etária, sexo/gênero e escolaridade.

Dessas variáveis, o Programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005) selecionou como significativas para a realização do fenômeno:

- a) para o fonema /t/: tonicidade da sílaba onde se encontra o alvo, faixa etária, sexo/gênero e escolaridade;
- b) para o fonema /d/: faixa etária, sexo/gênero e escolaridade.

Dois aspectos chamam a atenção nos resultados gerais acima: 1) a variável linguística *classe gramatical da palavra e contexto fonético seguinte* não foram consideradas significativas pelo programa para nenhum dos fonemas; 2) a realização variável está mais relacionada aos aspectos sociais que aos linguísticos. Vamos, então, às análises.

6.1 RESULTADOS PARA OS FONEMAS /t/ E /d/ DIANTE DE /i/

Focalizaremos, nesta seção, os resultados obtidos para estes fenômenos. A seguir encontram-se as tabelas 1 e 2, com os respectivos resultados gerais dos fonemas /t/ e /d/ diante de /i/, com influência da língua ancestral sobre o português.

Tabela 1 - Realização do fonema /t/ diante de /i/ com influência da língua de imigração

GRUPOS DE FATORES		Apl/Total	%	PR
Faixa etária	Jovens (12-25 anos)	1/474	0	.11
	Adultos (26-50 anos)	23/1186	1,9	.34
	Idosos (acima de 50 anos)	228/514	44,4	.97
Sexo/gênero	Feminino	48/1100	4,4	.25
	Masculino	204/1074	19	.75
Escolaridade	Até 08 anos	239/681	35,1	.95
	Acima de 08 anos	13/1493	0,9	.21
Tonicidade da sílaba onde se encontra o alvo	Tônica	123/782	15,7	.54
	Pretônica	23/213	10,8	.67
	Postônica medial	1/36	2,8	.15
	Átona final	105/1143	9,2	.45
Classe gramatical	Verbos	98/650	15,1	-
	Não verbos	154/1524	10,1	-
Nasalização da forma	Oral	157/1651	9,5	-
	Nasal	95/523	18,2	-
TOTAL		252/2174	11,6%	-

Input: 0,004

Significância: 0,04

Tabela 2 - Realização do fonema /d/ diante de /i/ com influência da língua de imigração

GRUPOS DE FATORES		Apl/Total	%	PR
Faixa etária	Jovens (12-25 anos)	3/590	0,5	.20
	Adultos (26-50 anos)	25/1268	2,0	.23
	Idosos (acima de 50 anos)	381/525	72,6	.99
Sexo/gênero	Feminino	70/1088	6,4	.35
	Masculino	339/1295	26,2	.63
Escolaridade	0 a 08 anos	383/851	45,0	.94
	Acima de 08 anos	26/1532	1,7	.18
Tonicidade da variável	Tônica	258/1430	18.0	-
	Pretônica	67/388	17.3	-
	Postônica medial	6/9	66.7	-
	Átona final	78/556	14.0	-
Classe gramatical	Verbos	55/249	22.1	-
	Não verbos	354/2134	16.6	-
Nasalização da forma	Oral	378/2294	16.5	-
	Nasal	31/89	34,8	-
TOTAL		409/2383	17,2%	-

Input: 0,011

Significância: 0,000

Os dados gerais apresentados nas Tabelas 1 e 2 evidenciam que a pronúncia de /t/ e de /d/ diante de /i/ com influência da língua de imigração é favorecida pelos homens menos escolarizados com mais de 50 anos. Com respeito às variáveis linguísticas, apenas para o fonema /t/ houve uma única variável selecionada como significativa: a tonicidade da sílaba em que se encontram os fonemas em questão. Vejamos, então, as análises de cada variável, iniciando-se pela linguística, para o fonema /t/.

6.1.1 Variável *Tonicidade da sílaba onde se encontra o fonema*

Os resultados para esta variável estão dispostos na Tabela a seguir, extraída da Tabela 1.

Tabela 3 – Variável *Tonicidade da sílaba onde se encontra o fonema /t/*

GRUPO DE FATORES		Apl/Total	%	PR
Tonicidade da sílaba	Tônica	123/782	15,7	.54
	Pretônica	23/213	10,8	.67
	Postônica medial	1/36	2,8	.15
	Átona final	105/1143	9,2	.45

Vemos que a pronúncia de /t/ com influência da língua ancestral é favorecida quando o fonema está em posição pretônica (PR = .67); é levemente favorecida quando /t/ se encontra em sílaba tônica; levemente desfavorecida quando está em sílaba átona final; e fortemente desfavorecida quando se acha em sílaba postônica medial.

Exemplos de palavras pronunciadas com [ti] em sílaba tônica, em nosso corpus, são: *tinha, tinham, direitinho, existia, latim, assisti, científico, Martins, sentisse, incentivo* e *trentino*, entre outras. Como exemplos de pretônicas, temos: *tivemos, participam, estivesse, tirando* e *[ele] continua*. Exemplos de átonas finais são: *sítio, grátis, infarte, enchente, principalmente, antigamente, parte, lotes* e *vinte*. Por fim, a única postônica medial pronunciada com influência da língua ancestral foi *ginástica*.

Das variáveis linguísticas, a tonicidade da sílaba onde se encontra o fonema /t/ foi a única variável considerada significativa pelo programa GOLDVARB X, dessa forma, a realização do fonema /t/ com influência vêneta se dá através de uma interferência fônica do italiano no português. Esses falantes, ao pronunciarem as tonicidades das sílabas, carregam forte influência da língua de imigração.

Feitas as análises para a variável linguística selecionada pelo Programa Goldvarb X, passaremos agora para as variáveis sociais. Como dissemos, todas elas foram consideradas significativas para a ocorrência do fenômeno; por outro lado, trata-se da pronúncia realizada pelos mesmos informantes. Dessa forma, nas próximas três subseções, os resultados de /t/ e de /d/ diante de /i/ serão analisados juntos.

6.1.2 A variável *faixa etária*

Os resultados da variável *faixa etária*, para os fonemas /t/ e /d/ diante de /i/ estão dispostos na Tabela a seguir:

Tabela 4 – Resultados da variável *Faixa etária* para os fonemas /t/ e /d/

VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA	Apl/Total		%		PR	
	/t/	/d/	/t/	/d/	/t/	/d/
12-25 anos	1/474	3/590	0	0.5	.11	.20
26-50 anos	23/1186	25/1268	1,9	2	.34	.23
Acima de 50 anos	228/514	381/525	44,4	72,6	.97	.99

Os resultados acima também podem ser visualizados nos seguintes Gráficos:

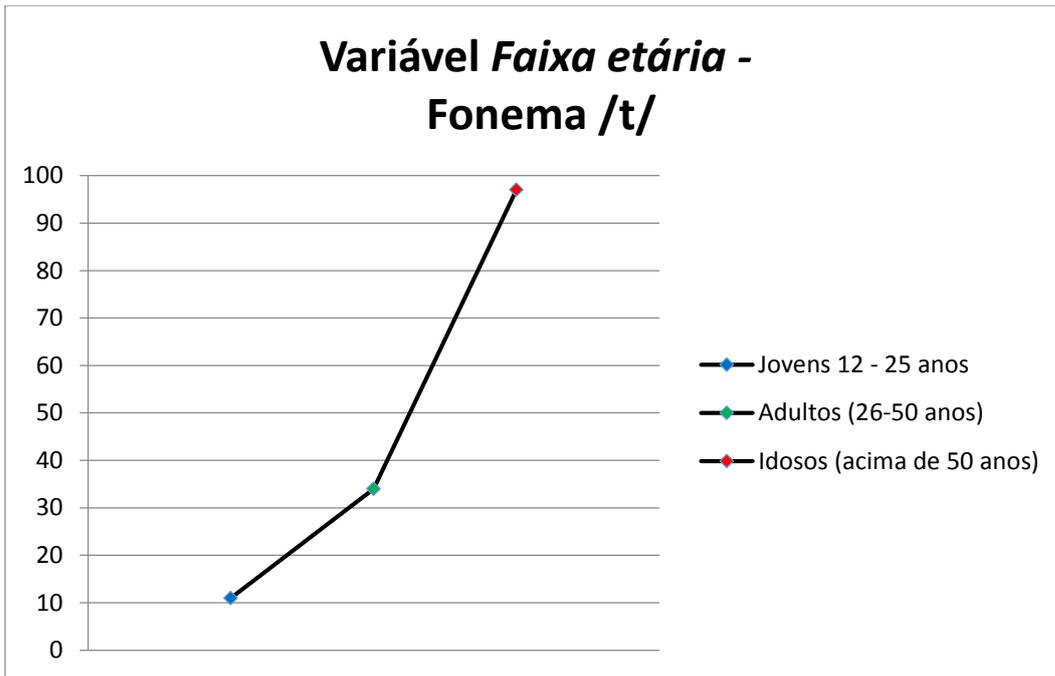


Gráfico 1 – Resultados para a variável *faixa etária* - fonema /t/ - PR .11

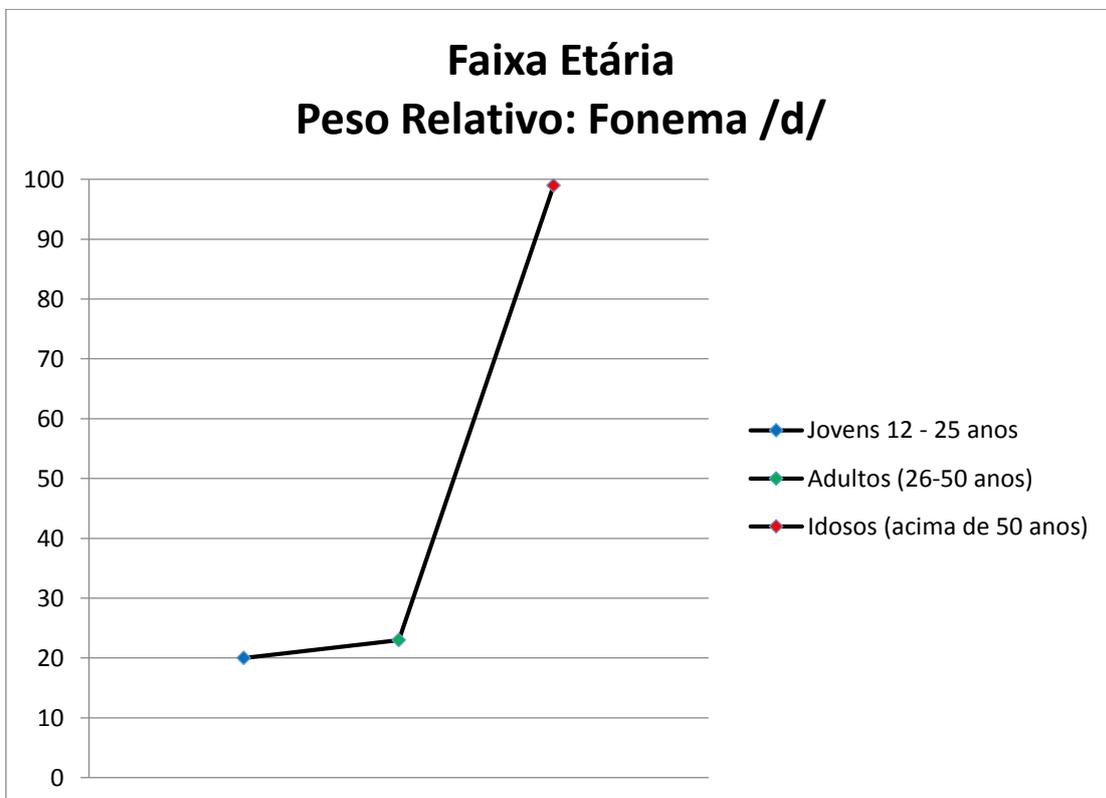


Gráfico 2 – Resultados para a variável *faixa etária* - fonema /d/ - PR .20

Os resultados não deixam dúvidas quanto à mudança em progresso que ocorre na zona urbana de Santa Teresa: a influência da língua ancestral sobre a pronúncia de /t/ e /d/ diante de /i/ vai desaparecendo, conforme avança o tempo. Os informantes com mais de 50 anos são quase categóricos na manutenção desse traço da língua de imigração (PR = .97, para /t/; PR = .99, para /d/), ao passo que os demais informantes vão, gradativamente, se afastando dessa língua (PR = .34 e .23, respectivamente para /t/ e /d/, com os adultos; e PR = .11 e .20, para /t/ e /d/, com os jovens).

Esses resultados comprovam o que dizem os sociolinguistas (cf. CHAMBERS, 2003) a respeito da correlação entre a língua e as pressões sociais sobre cada faixa etária, o que gera a mudança de comportamento linguístico dos indivíduos ao longo de sua vida. No caso deste estudo, ao que tudo indica, os idosos sofreram maior influência da língua minoritária por estarem mais próximos – espacial e temporalmente – dos imigrantes e de seus primeiros descendentes. Por sua vez, com respeito às gerações mais jovens, as pressões sofridas pelo maior contato com os brasileiros, pela urbanização, pela mídia, pelos amigos e colegas e também pela ação da escola fizeram com que os adultos e jovens convergissem sua pronúncia para a não marcada do português do Espírito Santo.

Igualmente, os resultados confirmam os pressupostos teóricos do Contato Linguístico: a língua de imigração, minoritária, vai aos poucos perdendo sua força até ser totalmente substituída pela majoritária. Trata-se aqui da Lei da Terceira Geração (cf., entre outros, WEINREICH, 1970 [1953]); APPEL e MUYSKEN, 1996; COULMAS, 2005; e FASOLD, 1996).

Por outro lado, por meio das entrevistas, percebemos que há uma preocupação, por parte de nossos informantes, com relação à preservação da cultura de imigração. Os excertos a seguir evidenciam esse cuidado:

Entrevistadora: A cultura italiana está presente na região aqui?

Informante 18 (III, F, EF): (...) *Tá mais ou menos. Tá muito também não. Eu faço minhas coisa italiano ainda agora minhas filha...já não tem mais, já não tem mais aquele coiso não.*

Informante 15 (II, M, EM): *Não, também tá acabando, você não consegue gente, o pessoal não se interessa às vezes por participar, você entendeu? É uma coisa que acabou e não conseguiram voltar, o medo que eles têm aqui é de acabar com o coral adulto e infantil, e também não ter esse resgate como aconteceu com a dança, você entendeu?*

Informante 20 (II, M, EF): *Eu me lembro que quando era mais novo tinha um clube, aqui brincava... tinha aquelas coisa de italiano... não tem mais nada.*

Essa preocupação tem total fundamento, pois, à medida que os idosos forem morrendo, a tendência é a cultura – e também a língua – ancestral desaparecer. Embora haja o incentivo por parte das instituições para a conservação da cultura italiana em algumas escolas, onde o italiano *standard* é ensinado, são os idosos que, muitas vezes, conversam na língua ancestral nas ruas, em suas casas e em festividades culturais, entre outros eventos, e que mais conhecem e falam essa língua. Por isso, se algo urgente não for feito em prol da revitalização da língua minoritária, nem mesmo seus traços deverão permanecer na linguagem desses moradores.

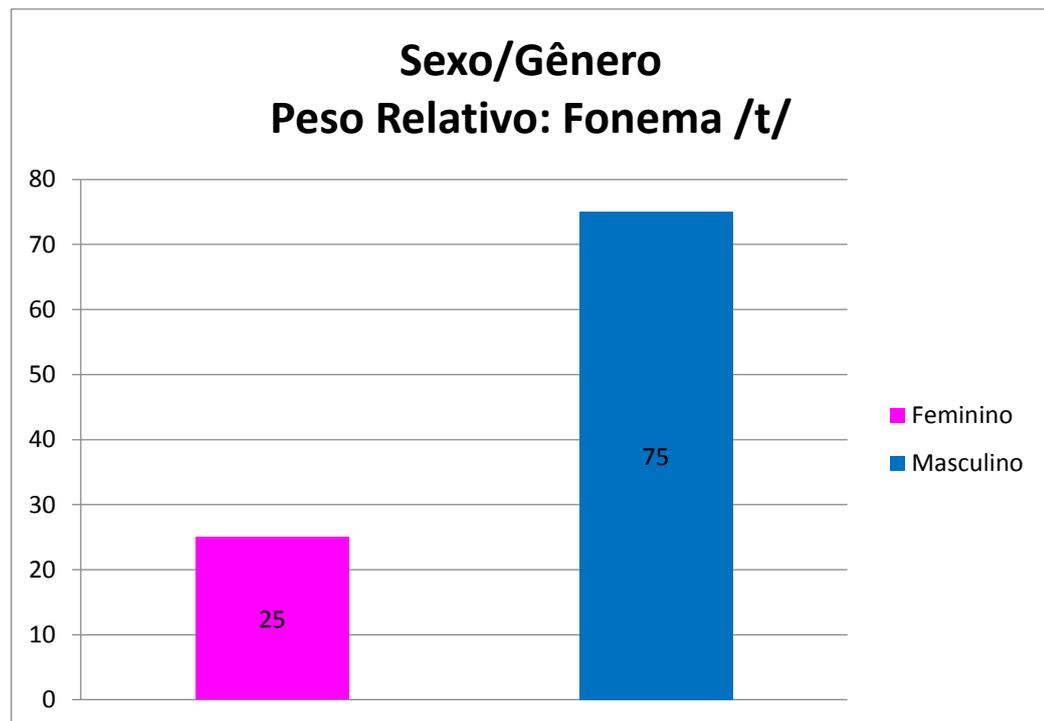
6.1.3. A variável *sexo/gênero*

Os resultados para essa variável, quanto aos fonemas /t/ e /d/, aparecem na Tabela a seguir.

Tabela 5 – Resultados da variável *sexo/gênero* para os fonemas /t/ e /d/

VARIÁVEL SEXO/GÊNERO	Apl/Total		%		PR	
	/t/	/d/	/t/	/d/	/t/	/d/
Feminino	48/1100	70/1088	4,4	6,4	.25	.35
Masculino	204/1074	339/1295	19	26,2	.75	.63

Esses resultados podem ser mais bem visualizados nos Gráficos a seguir.

Gráfico 3 – Resultados para a variável *sexo/gênero* - fonema /t/ - PR .25

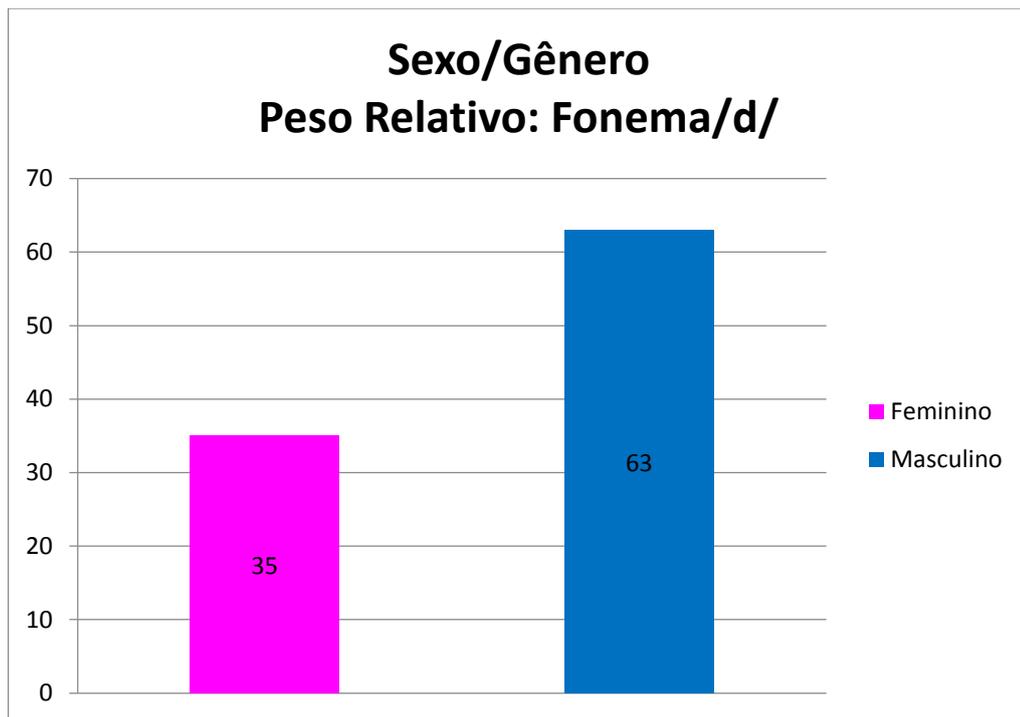


Gráfico 4 – Resultados para a variável *sexo/gênero* - fonema /d/ - PR .35

Nossos resultados mostram que os homens são os que mais pronunciam os fonemas em questão com influência da língua de imigração (PR .75, para /t/; e PR = .63, para /d/). As mulheres, com PR = .25 para /t/ e PR = .35 para /d/, preferem a pronúncia não marcada, da Grande Vitória e também da mídia. Isso comprova que, também em Santa Teresa, homens e mulheres têm comportamentos linguísticos diferentes.

Como vimos em nosso Referencial Teórico, existem várias diferenças relacionadas ao sexo e ao gênero dos indivíduos, desde o nascimento até a fase da maturidade. Normalmente, as pessoas sofrem pressão de seu meio para adotarem determinado comportamento social e também linguístico, e os estudos realizados em diversas comunidades comprovam esse fato. Quanto ao comportamento de homens e mulheres, vimos que eles normalmente se mostram mais fiéis às suas origens étnicas, ao seu grupo e, conseqüentemente, à sua língua, ao passo que elas geralmente adotam uma postura mais voltada para as formas não marcadas da língua. Esse comportamento se dá também com a mudança linguística: os estudos

sociolinguísticos comprovam que as mulheres tendem a rejeitar as formas inovadoras que são estigmatizadas na comunidade.

Com relação a esta pesquisa, as mulheres demonstraram que preferem utilizar as formas mais aceitas pela sociedade, aquelas que supostamente lhe darão mais status social. Embora não possamos dizer que a influência fonético-fonológica da língua de imigração seja estigmatizada nessa comunidade, haja vista que não realizamos nenhum teste de atitude linguística, de acordo com nossos resultados, essa influência linguística está socialmente marcada, e as mulheres não aderiram a ela.

Alguns trechos de nossas entrevistas evidenciam a opressão da sociedade nos primeiros tempos e a responsabilidade das mulheres para com a família, o que, certamente, poderia ter-se refletido em seu comportamento linguístico.

Entrevistadora: E qual era o papel da mulher na comunidade?

Informante 10 (II, F, EF): (...) *Minha avó não trabalhava, porque tinha que cuidar dos filhos. Não tinha televisão. Tinha muitos filhos, então tinha que cuidar, porque era uma renca. Tinha que andar na linha certa, tinha que ser tudo certinho.*

Informante 15 (II, M, EM): *Naquela época ela era submissa ao homem, ela tinha que fazer tudo que o homem pedia, era comida, lavar, passar e estar pronta ali para, se o homem está sempre falando as coisas, a mulher tem sempre que abaixar a cabeça.*

Informante 20 (II, M, EF): *A minha mãe, ela cuidava da casa e levava nós pra roça pequeno pra poder ajudar... trabalhar... os filho...marido... colocava uma peneira... ela sempre falava isso.*

Portanto, podemos dizer que os resultados obtidos nesta pesquisa apoiam o que revelam as pesquisas sociolinguísticas em diferentes comunidades do mundo (cf., por

exemplo, CHAMBERS, 2003): na zona urbana de Santa Teresa, as mulheres privilegiam a pronúncia padrão - no caso, aquela sem influência das línguas de imigração -, enquanto os homens favorecem a pronúncia com influência de sua língua ancestral.

6.1.4 A variável *escolaridade*

Na Tabela a seguir estão expostos os resultados obtidos para a variável *escolaridade*.

Tabela 6 – Resultados da variável *escolaridade* para os fonemas /t/ e /d/

VARIÁVEL ESCOLARIDADE	Apl/Total		%		PR	
	/t/	/d/	/t/	/d/	/t/	/d/
Até 08 anos	239/681	383/851	35,1	45	.95	.94
Acima de 08 anos	13/1493	26/1532	0,9	1,7	.21	.18

Os Gráficos a seguir exibem esses resultados.

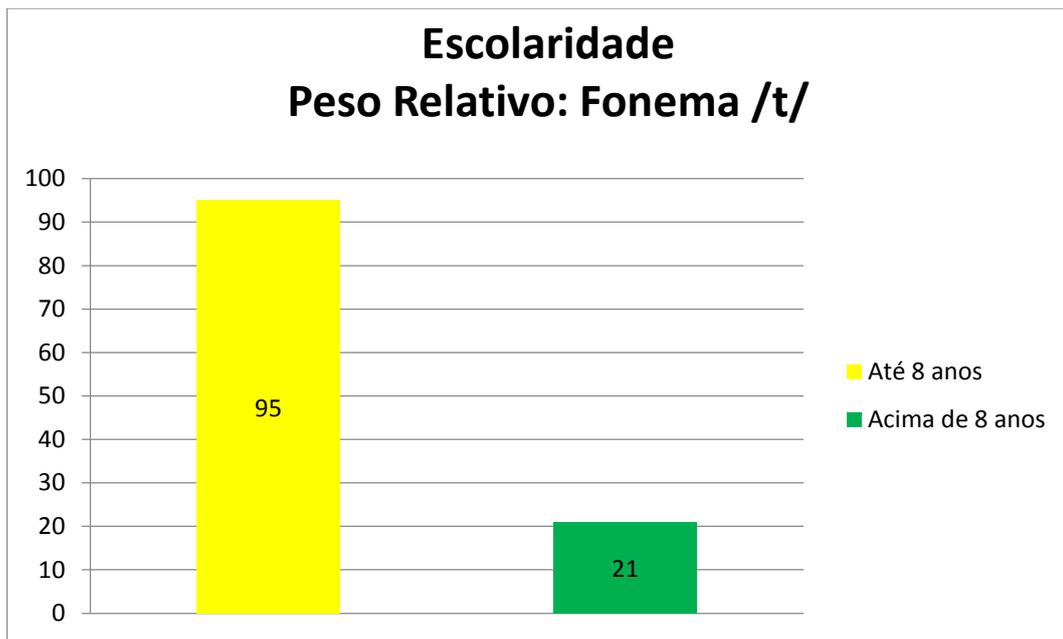


Gráfico 5 - Resultados para a variável *escolaridade* - fonema /t/ - PR.95

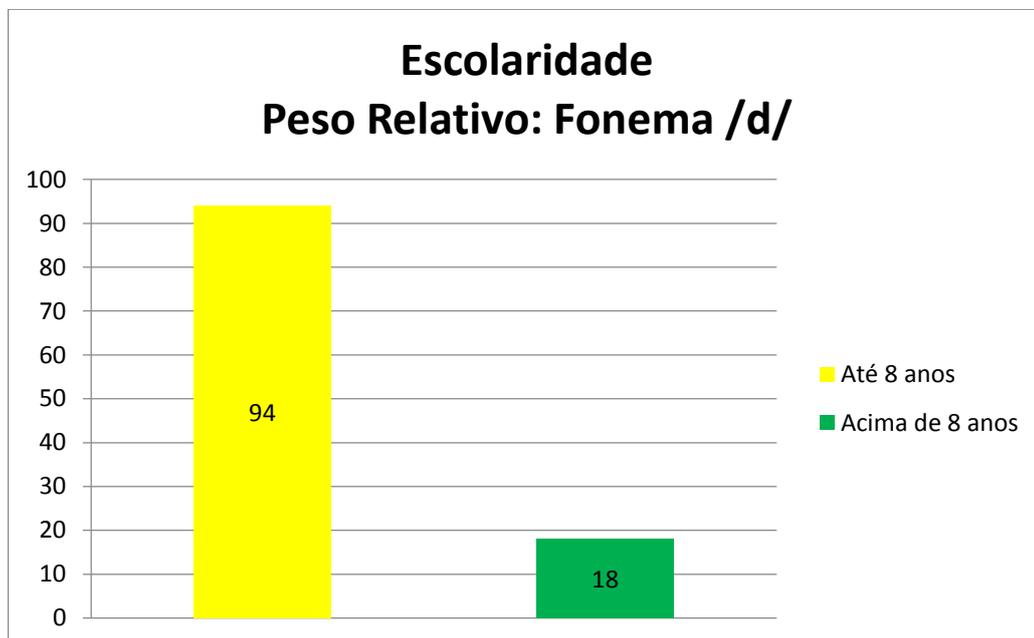


Gráfico 6 - Resultados para a variável *escolaridade* - fonema /d/ - PR .94

Por meio da tabela e dos gráficos acima, podemos observar claramente a atuação da escola sobre o fenômeno que estamos estudando. Os resultados mostram que os indivíduos que estudaram até 08 anos são os que mais favorecem a pronúncia de /t/

e /d/ com influência da língua de imigração, ao passo que aqueles que estudaram por mais de 08 a desfavorecem.

Nesse resultado, dois aspectos chamam muito a atenção. O primeiro é a semelhança entre os pesos relativos para /t/ e /d/, nos dois níveis de escolaridade (PR de .95 e .94, respectivamente, para o menor nível de escolarização; e de .21 e .18 para o maior nível). A segunda é a expressiva diferença entre os pesos relativos do menor e do maior nível de escolaridade (respectivamente, Pesos Relativos de .95 e .21 para o fonema /t/; e de .94 e .18 para /d/).

Em nosso capítulo teórico, vimos como a escola atua como preservadora das normas de prestígio, e isso se faz verdade no caso da zona urbana de Santa Teresa. Mesmo em se tratando de uma comunidade que se caracteriza fortemente pela imigração e que, portanto, apresenta um contexto sócio-histórico-cultural marcado pela diferença, a escola opta por anular a variação linguística e por privilegiar a pronúncia padrão da língua portuguesa. E esses resultados para a pronúncia de /t/ e de /d/ diante de /i/ não deixam dúvidas acerca do papel da escolarização no intuito de padronizar a língua e, neste caso, especificamente, de eliminar as marcas da língua de imigração na linguagem dos indivíduos. Nesse sentido, ela também dita o quê e como se deve falar, controlando quem não está adequado às normas de prestígio.

Como dissemos na subseção anterior, não é possível afirmar que a pronúncia com marcas da língua de imigração seja estigmatizada socialmente, pois não foram realizados testes de reação subjetiva nos moradores da localidade, mas os resultados encontrados para as três variáveis sociais já são um forte indício de que existe um processo no sentido de erradicar essas marcas. Com o objetivo de conhecermos melhor a atuação dos fatores sociais envolvidos nesse processo, nas próximas seções apresentaremos as correlações entre as variáveis sociais analisadas na presente pesquisa.

6.2 A CORRELAÇÃO ENTRE AS VARIÁVEIS

Os resultados expostos nas tabelas apresentadas evidenciaram a força dos aspectos sociais sobre o fenômeno que estamos estudando. Assim, nesta seção,

apresentaremos os cruzamentos de nossas variáveis, a fim de verificarmos como se dá sua atuação conjunta com nossos informantes.

Tendo em vista que, nessas seções, trabalharemos com mais dados, optamos por analisar os cruzamentos das variáveis para /t/ e /d/ em Tabelas separadas. Iniciemos pelas variáveis *faixa etária* e *sexo/gênero*.

6.2.1 Cruzamento entre as variáveis *faixa etária* vs *sexo/gênero* – fonema /t/

As Tabelas abaixo apresentam os resultados desse cruzamento.

Tabela 07 – Cruzamento das variáveis *faixa etária* vs *sexo/gênero* – fonema /t/

F. Etária Sexo/gên	Jovens		Adultos		Idosos		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Feminino	0	-	5/48	10,4	43/48	89,6	48	100
Masculino	1/204	0,5	18/204	8,8	185/204	90,7	204	100
Total	1	0,4	23	9,1	228	90,5	252	100

Pela Tabela 07, vemos que, do total das 252 ocorrências de [ti], 204 (81%) foram pronunciadas por homens e 48 (19%) por mulheres, o que confirma as observações de sociolinguistas quanto ao papel feminino de favorecer as formas padrão da língua.

Entre os homens, os informantes de mais de 50 anos e de 25 a 50 anos, respectivamente, foram os que mais produziram [ti], ao passo que, com os jovens, somente houve um caso. Entre as mulheres, a pronúncia [ti] se deu entre as faixas etárias mais elevadas, sendo que as jovens não a pronunciaram nenhuma vez.

Esses resultados específicos nos deixam ver como a mudança em progresso está se processando em Santa Teresa: a faixa etária acima de 50 anos é responsável pela maior parte das ocorrências (228 = 90,5%), o que implica que os adultos e jovens estão implementando a variante inovadora. Por sua vez, entre o sexo/gênero, essa implementação está sendo realizada pelas mulheres, confirmando as pesquisas sociolinguísticas que afirmam que elas se encontram uma geração à frente dos homens, em se tratando de mudança linguística que envolve uma variante inovadora não estigmatizada (LABOV, 2001).

Tabela 08 – Cruzamento das variáveis *faixa etária vs sexo/gênero* – fonema /d/

F. etária Sexo/gên.	Jovens		Adultos		Idosos		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Feminino	2/70	2,9	11/70	15,7	57/70	81,4	70	100
Masculino	1/339	0,3	14/339	4,1	324/339	95,6	339	100
Total	3	0,7	25	6,1	381	93,2	409	100

A tabela 08 nos mostra resultados interessantes: i) a mudança em progresso é evidente, isto é, os mais jovens estão abandonando a pronúncia [di], tanto em se tratando de mulheres quanto de homens; ii) os homens favorecem mais a pronúncia [di] que as mulheres – 339 (82,9%) deles contra 70 (17,1%) delas –, mas essa predominância se dá especificamente na faixa etária mais velha, pois, entre os adultos e jovens, as mulheres, percentualmente, sofrem mais a influência da língua de imigração (15,7% delas contra 4,1% deles, para os adultos; 2,9% delas contra 0,3% deles. Entretanto, observamos que o número de ocorrências da pronúncia [di] favorece os homens. Temos, então, que, tanto para /t/ quanto para /d/, a influência da língua de imigração está decaindo, tendo as mulheres à frente desse processo.

6.2.2 Cruzamento das variáveis *faixa etária vs escolaridade*

Nesta subseção, exporemos os resultados do cruzamento dos dados correspondentes a essas variáveis.

Tabela 09 – Cruzamento das variáveis *faixa etária vs escolaridade* – fonema/t/

F. etária Escol.	Jovens		Adultos		Idosos		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Até 08 anos	0	-	19/239	8,0	220/239	92,0	239	100
Acima de 08 anos	1/13	7,7	4/13	30,8	8/13	61,5	13	100
Total	1	0,4	23	9,1	228	90,5	252	100

Os resultados mais importantes da Tabela 09 dizem respeito à diferença de escolarização dos informantes, já que a mudança em progresso (90,5% > 9,1% > 0,4%) também foi atestada pelas Tabelas 07 e 08 acima.

A Tabela 09 confirma a nítida diferença entre a pronúncia [ti] dos que estudaram menos e dos que estudaram mais: 239 ocorrências (94,8%) e 13 ocorrências (5,2%), respectivamente. Dentre os que menos estudaram, observamos a atuação dos informantes que têm mais de 50 anos; são eles que detêm a absoluta maioria das pronúncias [ti] - 220 (92,0%) das 239 ocorrências. Em segundo lugar, vêm os informantes adultos, com apenas 19 ocorrências (8,0%); quanto aos jovens, nenhum deles produziu [ti]. Para os que estudaram mais, os informantes com mais de 50 anos também lideram o número de pronúncias [di], decrescendo à medida que a faixa etária diminui.

Em resumo, diante dos resultados obtidos, vemos que o fenômeno analisado é favorecido pelos mais velhos que pouco frequentaram a escola, ou seja, como a escola ensina as normas de prestígio, os indivíduos que não tiveram acesso a ela conservam os traços da língua de seus antepassados.

Tabela 10 – Cruzamento das variáveis *faixa etária VS escolaridade* – fonema /d/

F. etária Escol.	Jovens		Adultos		Idosos		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Até 08 anos	0	-	20/383	5,2	363/383	94,8	383	100
Acima de 08 anos	3/26	11,6	5/26	19,2	18/26	69,2	26	100
Total	3	0,7	25	6,1	381	93,2	409	100

Os resultados da Tabela 10 são bastante similares aos da Tabela 09: a pronúncia [di] foi, sem dúvidas, produzida pelos informantes com menos escolarização (383 dados = 93,6% do total). Vemos também que há um decréscimo gradativo da ocorrência dessa pronúncia, entre os informantes menos escolarizados: 363 (94,8%)>20 (5,2%)> 0, de acordo com a faixa etária mais alta até a mais jovem, indicando uma mudança em curso.

Igualmente, os informantes com mais de 08 anos de escolarização produziram cada vez menos [di]: 18 (69,2%)> 05 (19,2%) > 03 (11,6%) ocorrências, confirmando, eles também, a mudança em curso. Em resumo, quem liderou a pronúncia [di] foram os idosos com até 08 anos de escolarização, com 363 das 409 ocorrências (88,8%).

6.2.3 Cruzamento das variáveis *escolaridade vs sexo/gênero – fonema /t/*

As Tabelas 14 e 15, a seguir, exibem os resultados da correlação *escolaridade vs. sexo/gênero*.

Tabela 11 – Cruzamento das variáveis *escolaridade vs sexo/gênero – fonema /t/*

Escolar. Sexo/gên.	Até 08 anos		Acima de 08 anos		Total	
	N	%	N	%	N	%
Feminino	45/47	95,6	3/47	6,4	47	100
Masculino	194/204	95,1	10/204	4,9	204	100
Total	239	94,8	13	5,2	252	100

Em relação ao cruzamento entre essas duas variáveis, os resultados confirmam os padrões anteriores: as mulheres com menos escolarização manifestam muito mais a influência da língua de imigração do que as que estudaram mais – 45 dados (95,6%) contra 03 (6,4%), respectivamente. Com respeito aos homens, apesar de produzirem muito mais [ti] que as mulheres – 204 ocorrências deles contra 47 delas –, o padrão se repete: os menos escolarizados produzem muito mais [ti] que os mais escolarizados – 194 ocorrências (95,1) contra 10 (4,9%), respectivamente.

Em resumo, os informantes que mais favoreceram a pronúncia do português com influência da língua de imigração foram os homens que estudaram até 08 anos, com 194 das 252 ocorrências totais (77%).

Tabela 12 – Cruzamento das variáveis *escolaridade vs sexo/gênero – fonema /d/*

Escolar. Sexo/gên.	Até 08 anos		Acima de 08 anos		Total	
	N	%	N	%	N	%
Feminino	62/70	88,6	8/70	11,4	70	100
Masculino	321/339	94,7	18/339	5,3	339	100
Total	383	93,6	26	6,4	409	100

Os resultados acima evidenciam que, no tocante ao fonema /d/, a pronúncia com influência da língua de imigração também é mais favorecida pelos homens do que pelas mulheres - 339 ocorrências (82,9%) contra 70 (17,1%), respectivamente. E tanto entre os homens quanto entre as mulheres, os que estudaram até 08 anos produziram mais [di] que os que estudaram mais – 383 (93,6%) ocorrências contra 26 (6,4%), respectivamente, num total de 409.

Assim, vemos que, também para o fonema /d/, são os homens com até 08 anos de escolarização que sofrem influência da língua ancestral. Esses resultados confirmam os estudos sociolinguísticos em relação ao papel das mulheres e da escola para a substituição dos traços da língua minoritária no português falado pelos descendentes de imigrantes.

Com relação aos estudos de Almeida (2000), notamos que, com relação aos fatores sexo/gênero, idade e escolaridade, a variante inovadora foi mais favorecida pelas mulheres, jovens e informantes com ensino médio, ou seja, numa comunidade bilíngue, os dados apontam que aqueles que tiveram mais contato com a escola desfavorecem a influência da língua de imigração.

Pires (2003), ao analisar as oclusivas dentais na comunidade de São Borja (Rio Grande do Sul) conclui que a pronúncia sem marcas da língua de imigração é favorecida pelas mulheres, pelos informantes com menos de 50 anos e pelos menos escolarizados.

Com respeito aos estudos de Dutra (2007), os dados apontaram que os homens, comerciantes e com nível fundamental apresentaram alto índice de palatalização das oclusivas dentais, resultado que se assemelha à presente pesquisa, uma vez as mulheres, jovens e também adultos que passaram mais tempo na escola preferem as formas menos estigmatizadas.

De acordo com os resultados acima, percebemos que os jovens e as mulheres preferem as formas mais aceitas socialmente. Os homens conservam os traços da língua de imigração, em nosso caso, as línguas de imigração italianas. Dessa forma, confirmamos que os homens menos escolarizados são os que mais pronunciam o português com influência vêneta, enquanto as mulheres preferem se adequar às formas não marcadas na comunidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa investigou a realização variável das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/ por descendentes de imigrantes italianos residentes na zona urbana de Santa Teresa, Espírito Santo. O município é um dos mais representativos da colonização italiana no estado, liderando seu calendário turístico com festas comemorativas aos antepassados. A cultura italiana está fortemente presente no município: na arquitetura das residências, nos monumentos, nos letreiros de lojas e também nos sobrenomes e no aspecto físico de seus moradores. Assim, o estudo da comunidade, quer por meio das visitas e entrevistas feitas, quer por meio da bibliografia lida, permitiu-nos ver como os imigrantes italianos conseguiram vencer no Espírito Santo, em meio a tantos percalços. E, ao conhecer sua história, tornou-se mais fácil analisar a língua falada atualmente por seus descendentes.

Nesta pesquisa, vimos que os imigrantes eram originários de regiões do norte da Itália, especialmente do Vêneto, Trento e Lombardia. No início da colonização, estando encurralados na mata, foi fácil manter a língua dos ancestrais. Entretanto, à medida que a urbanização chegava à localidade, o convívio com os brasileiros se fazia mais frequente. Atualmente, podemos notar claramente as consequências desse contato, por meio das entrevistas de nossos informantes, principalmente dos mais idosos. A seguir, resumiremos nossos resultados. Para tanto, transcreveremos nossas hipóteses iniciais:

1. A variação das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/ sofre influências tanto de variáveis linguísticas quanto sociais;
2. A influência dos traços da língua de imigração se faz mais presente na linguagem dos homens, dos informantes menos escolarizados e das faixas etárias mais altas.

No que se refere especificamente à palatalização do /t/, foram analisadas as variáveis selecionadas como significativas pelo programa Goldvarb X: idade, sexo/gênero,

escolaridade e tonicidade da sílaba. O programa não selecionou as variáveis *contexto fonético seguinte* e *classe gramatical da palavra* como significativas.

A tonicidade da sílaba mostrou que as pretônicas foram as que mais favoreceram a aplicação da regra. Sobre as variáveis extralinguísticas, os dados apontaram que os homens são mais conservadores do que as mulheres. Quanto à idade e à escolaridade, os informantes acima de 50 anos e os pouco escolarizados favorecem a realização do fonema /t/ com influência da língua de imigração. Portanto, para este fonema, a hipótese inicial foi confirmada.

Quanto ao fonema /d/, a hipótese 1, acima, não foi confirmada, haja vista que foram selecionadas pelo programa como significativas apenas as variáveis sociais. Para a faixa etária, os informantes acima de 50 anos são os que mais favorecem a pronúncia com influência da língua de imigração. Os resultados para sexo/gênero apontaram que essa pronúncia é favorecida pelos homens. Quanto à escolaridade, os resultados evidenciaram que, quanto menos tempo o indivíduo frequentar a escola, mais os traços da língua transmitida por seus antepassados são preservados. Esses resultados se assemelham aos encontrados para o fonema /t/, demonstrando o forte papel do contexto social sobre a língua.

No que se refere aos cruzamentos, os fonemas /t/ e /d/ apontaram, mais uma vez, que os homens acima de 50 anos e que estudaram até 08 anos foram os que mais favoreceram a pronúncia [ti] e [di]. Assim, a hipótese 2 se confirma.

Em suma, podemos afirmar que há forte influência do italiano no português e que as línguas de imigração italianas estão sendo modificadas, o que comprova que, com o passar dos anos, os traços dessas línguas de imigração presentes no português não irão desaparecer, mas se transformar.

Por sua vez, este estudo revelou novas possibilidades de pesquisas. Por meio das entrevistas, percebemos a influência da língua ancestral em outros traços, além da pronúncia de /t/ e /d/, e em outros níveis, além do fonético-fonológico. Além disso, a importância dos fatores sociais para a manutenção ou a substituição linguística aponta para as questões da identidade dos moradores da zona urbana de Santa Teresa. Estes são aspectos importantes, não apenas para os estudos de contato linguístico,

mas também para a descrição da linguagem dos descendentes de imigrantes italianos de Santa Teresa e todo o estado do Espírito Santo.

Por fim, cabe frisar que o nosso desafio, enquanto pesquisadores, é incentivar mais pesquisas linguísticas nessa região, analisando outros fenômenos derivados do contato, e valorizar a riqueza cultural e linguística dessa população.

8 REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete; PAGOTTO, Emílio. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Ângela C. S (Orgs.). **Gramática do português falado**. Campinas: UNICAMP, 2002. (Novos estudos descritivos; v.III).

ALMEIDA, Marco Antônio Bomfoco. **A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngüe de Flores da Cunha: uma análise quantitativa**. Porto Alegre. PUCRS: 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. In: <http://www.ape.es.gov.br>. Acesso em 06/05/2014.

BIGAZZI, Anna Rosa C. **Italianos: história e memória de uma comunidade**. Cia Editora Nacional, 2006.

BISOL, Leda. A palatalização e sua restrição variável. **Estudos**, Salvador, n 5, p.163-77, 1986.

BISOL, Leda; SCHWINDT, Luiz Carlos. **Teoria da Otimalidade– Fonologia**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2010.

BUSATTO, Luiz. **Nomes e raízes italianos**. Vitória: 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise Fonológica: Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Mercado de Letras. Campinas: São Paulo, 2002.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 11ed. Rio de Janeiro : Jorge Zagar Ed., 2009.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2012.

CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 44. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CHAMBERS, Jack K. **Sociolinguistic theory**. 2nd. Edition. Oxford, Cambridge: Blackwell, 2003.

DAEMON, Basílio Carvalho. **Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística**. 2. Ed. Vitória: Arquivo Público do Espírito Santo, 2010. (Coleção Canaã, v. 12).

DE PAULA, Alice Telles. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades bilíngües de Taquara e Panambi – RS: Análise quantitativa.** Porto Alegre: UFRS, 2006. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

DERENZI, Luiz Serafim. **Os italianos no estado do Espírito Santo.** Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1974.

DUTRA, Eduardo de Oliveira. **A palatalização das oclusivas dentais /t e /d/ no município de Chuí, Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, PUCRS, 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

FRANZINA, Emilio. **A grande emigração; o êxodo dos italianos do Línguas de imigração italianas para o Brasil.** Tradução Edilene Toledo e Luigi Biondi. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

FROSI, Vitalina; MIORANZA, Ciro. **Dialetos italianos.** Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

HORA, Dermeval. **A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear.** 1990 Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

KICKHOFEL, Ubiratã Alves e KELLER, Tatiana. **Sílaba.** IN: BISOL, Leda e SCHWINDT, Luiz Carlos. Teoria da Otimidade – Fonologia. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2010.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

_____. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Sherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. **Principles of linguistic change; internal factors.** Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change; social factors.** Cambridge: Blackwell, 2001.

MARGOTTI, FelícioWessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil.** 2004. 314f. . Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal de Porto Alegre, Porto Alegre.

MARINHO, Joyce Leite. **Aspectos sociolinguísticos da imigração italiana cidade de Santa Teresa, ES.** Vitória: Ufes. Relatório Final de Iniciação Científica, 2012.

MOLLICA, M. Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. IN: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008.

PAIVA, C. Maria da. A variável gênero/sexo. IN: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOREIRA, Thais Helena; PERRONE, Adriano. **História e geografia do Espírito Santo**. 8. ed. Vitória: [s.n.], 2007.

NAGAR, Carlo. **O Estado do Espírito Santo e a imigração italiana (fevereiro 1895)**: relato do cavaleiro Carlo Nagar, cônsul real em Vitória. Tradução NerinaBortoluzi Herzog – Vitória: Arquivo Público Estadual, 1995. (Coleção Canaã, v. 1).

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 43-50.

OLIVEIRA, José Teixeira. **História do Espírito Santo**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Coleção Canaã, 3. ed.: 2008.

PAGOTTO, Emílio Gozze. **Variação e identidade**. Campinas ,UECamp, 2001. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, 2001.

PIRES, LisianeBuchholz. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ em São Borja, RS**. Porto Alegre. PUCRS, 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA TERESA. In: <http://santateresa.es.gov.br>. Acesso em 17 out. 2014.

ROBINS, Robert Henry. **Pequena história da Linguística**. Trad. Luiz Martins Monteiro. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004 [1979].

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, E. *Goldvarb X- A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Acessível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref.

SANTOS, Lúcia de Fátima. **Realização das oclusivas dentais /t/ e /d/ na fala de Maceió**. Alagoas: UFAL, 1996.

SILVA JR. Helton Bartholomeu da. **A Africada alveolar na fala de duas comunidades fronteiriças no extremo sul do Brasil: uma análise variacionista**. Porto Alegre, UFRGS. Dissertação (Mestrado em teoria e análise linguística), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e Fonologia do Português. Roteiro de estudos e guia de exercícios.** São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Dicionário de Fonética e Fonologia.** São Paulo: Contexto, 2011.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 51-57.

WEEDWOOD, Barbara. **Histórica concisa da Linguística.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco, posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. – São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXO A – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA AS ENTREVISTAS COM OS DESCENDENTES DE ITALIANOS PARA MENORES DE 18 ANOS

Esta pesquisa é sigilosa e seu nome não vai aparecer. As perguntas serão relacionadas a sua comunidade, a você e ao seu dia a dia. Você aceita gravar esta entrevista?

- 1) Qual seu nome e qual é sua idade?
- 2) Você estuda? Faz que série?
- 3) Qual é a disciplina de que mais gosta?
- 4) Além da língua portuguesa, estuda alguma outra?
- 5) Se tivesse oportunidade de estudar outra língua, qual você escolheria?
- 6) O que você costuma fazer durante o dia? E à noite?
- 7) Pratica algum esporte?
- 8) Você tem irmãos? Quantos?
- 9) Vocês costumam brigar? Se sim, por qual motivo?
- 10) De que você costuma brincar?
- 11) E nos finais de semana, o que você faz?
- 12) Esta comunidade sempre teve este nome? Você sabe o porquê desse nome?
- 13) Você gosta de morar aqui? Por quê? Já pensou em sair daqui em alguma época?
- 14) A vida aqui é boa? O que você acha que está faltando aqui?
- 15) Você já passou por algum situação em que você teve medo? Gostaria de contar?
- 16) Você é descendente de italiano? Quem era italiano em sua família? Sabe de que região da Itália sua família veio?
- 17) Você sabe alguma história de sua família?
- 18) Você tem muitos tios? Lembra de alguma história contada pelos vovôs?
- 19) Como são seus pais em relação à sua educação? Bravos ou procuram sempre dialogar?
- 20) Tem alguma arte que você fez que os deixou bravos? Se sim, gostaria de contar?

- 21) A cultura italiana está presente na região onde você mora? E na linguagem? Você fala e/ou lembra de algumas palavras italianas usadas pelos seus descendentes?
- 22) Você pertence a qual religião? Como era as celebrações, as missas ou festas?
- 23) E a alimentação como era? Você tem costume de fazer ou comer alguma comida italiana? Qual prato italiano ainda se faz presente na mesa?
- 24) Tem alguém na comunidade que ainda fala o italiano? (Se fala.) Você entende?
- 25) Por que você acha que o italiano deixou de ser falado pelos descendentes?
- 26) Tinha alguém de sua família que falava com um sotaque mais carregado? Como as outras pessoas encaravam isso: havia preconceito? E você como se comportava nessas situações?
- 27) Alguém da sua família fala o línguas de imigração italianas? Você gostaria de aprender?
- 28) Você ou alguém de sua família ainda tem contato com parentes na Itália?
- 29) Se pudesse, você iria viver na Itália? Por quê?
- 30) E passear? Ou conhecer o lugar de origem de seus descendentes, você gostaria?
- 31) Que sentimentos você tem em relação a ser de origem italiana? Já pensou em ter dupla cidadania?
- 32) E num jogo entre Brasil e Itália, para quem você torceria? E se o jogo fosse entre Itália e outro país?
- 33) Tem alguma coisa (fato, caso ou história que você gostaria de acrescentar?

ANEXO B - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA AS ENTREVISTAS COM OS DESCENDENTES DE ITALIANOS PARA MAIORES DE 18 ANOS

Esta entrevista é sigilosa. Seu nome não vai aparecer e ninguém, além dos membros do grupo de pesquisa A Diversidade Linguística do ES, saberá que você conversou comigo. Você aceita gravar esta entrevista?

- 1- Qual seu nome, sua idade e até que ano estudou?
- 2- É casado(a)? Tem namorada(o)?
- 3- Tem filhos? Quantos? Mais gente mora na casa?
- 4- O que faz durante o dia (trabalha ou estuda?) E à noite?
- 5- Você gosta de esporte? Pratica algum? O que costuma fazer nas horas livres?
- 6- Este lugar sempre teve este nome? Você sabe quem sugeriu?
- 7- Você gosta do lugar onde mora? Por quê? Pretende sair daqui em alguma época? Para onde?
- 8- A vida aqui é boa? Quais as dificuldades que vocês enfrentam aqui? O que está faltando?
- 9- Você já passou por alguma situação em que você teve muito medo? Pode contar o que aconteceu?
- 10- Quem era italiano na sua família? De que região da Itália sua família veio?
- 11- Você sabe histórias de sua família na Itália? E da chegada ao Brasil? Quais?
- 12- Quando a sua família italiana chegou ao Brasil? Por que eles vieram para o nosso país e para o Espírito Santo? Como foi a viagem deles para cá?
- 13- Quando chegaram ao Brasil, onde eles foram morar? Quais foram as maiores dificuldades que eles enfrentaram, quando chegaram a esta região? Eles trabalhavam em quê?
- 14- Como era esta região quando eles chegaram aqui? Já era um povoado, havia muitas famílias, ou não?
- 15- Eles gostavam de viver aqui?
- 16- Como era a sua família? Havia muitas pessoas em casa? Eles conversavam em italiano? Você se lembra de alguma história que eles contavam? E músicas?

17- Como os homens das famílias italianas costumavam se comportar em casa na convivência com suas mulheres? Eram bravos, severos, mandões, ou eram afetuosos?

18- Qual era o papel da mulher nessa comunidade?

19- E como eram os pais (e mães) na relação com os filhos? E a relação entre irmãos e entre os parentes e amigos? Como era a educação dos filhos? Como era a infância naquela época? E a sua infância, como foi? Que lembranças, boas ou ruins, você tem a esse respeito? A educação dos filhos mudou muito daquele tempo até hoje?

20- Como era a relação da sua família com as pessoas nascidas no Brasil, em especial com os negros? Havia algum tipo de preconceito?

21- Como você vê os seus antepassados italianos que vieram para o Brasil (falavam alto, eram brigões, afetuosos, falantes, extrovertidos etc.)? E os atuais descendentes?

22- A cultura italiana está presente na região onde você mora? Como: nas brincadeiras e jogos, na linguagem?

23- E a religião, como era (celebrações, missas, festas, semana santa, santo padroeiro...)?

24- E a alimentação dos antepassados, como era? Você sabe fazer alguma comida italiana? Diga como se faz uma.

25- Você já ouviu alguém falar o italiano, aqui na região? Onde a língua é falada (igreja, encontros etc.)?

26- Por que você acha que o italiano deixou de ser falado pelos descendentes?

27- Havia alguém da sua família que falava com sotaque mais carregado? Como as outras pessoas encaravam isso: havia preconceito? E você, como se sentia?

28- Alguém da sua família ainda fala a língua da Itália? Você gostaria de aprender?

29- Você ou sua família ainda tem contato com os parentes fora do Brasil?

30- Se pudesse, você iria viver na Itália? Por quê?

31- Que sentimentos você tem em relação a ser de origem italiana? Você tem orgulho de ser descendente de italiano? Já pensou em ter dupla cidadania? Por quê?

32- Num jogo entre a Itália e o Brasil, para quem você torceria? E se o jogo fosse entre a Itália e outro país?

33- Há alguma coisa (fato, caso ou história) que você gostaria de acrescentar?

ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES DE 18 ANOS

Prezado(a) Senhor(a),

Este é um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), indispensável para a participação de menores de 18 anos nesta pesquisa, que procura retratar a cultura de sua região, abrangendo, especificamente, neste momento, as famílias de descendentes de imigrantes italianos. Com esta pesquisa, pretendemos estudar a influência da cultura europeia nas comunidades que esses imigrantes fundaram e, dessa forma, perpetuar o legado dessas pessoas que tão corajosamente ajudaram a construir nosso Estado.

Esta pesquisa será realizada pela **ProfªDrª Edenize Ponzo Peres**, RG nº ..., **Coordenadora**, e pela **aluna-pesquisadora Daillane dos Santos Avela**, com RG nº ..., ambas da Universidade Federal do Espírito Santo. Esta investigação terá várias etapas, pois serão estudados todos os municípios do Estado onde houve imigração europeia, começando pelos italianos e, em seguida, abarcando os alemães, pomeranos e outros povos. O início da pesquisa global se deu em agosto de 2010 e seu fim previsto será 2017.

Para realizar este estudo, portanto, convidamos o menor abaixo descrito a conceder-nos uma entrevista que versará sobre seus hábitos e costumes, assim como a herança dos colonos imigrantes para a cultura de sua localidade atualmente. A entrevista que o menor fará será gravada, mas sua identidade EM HIPÓTESE ALGUMA será revelada, em nenhum momento da pesquisa. V.Sª e/ou o menor também terão o direito de recusar-se a ceder a mesma a qualquer momento e, se isso acontecer, a entrevistadora apagará a gravação imediatamente, na presença de ambos. Entretanto, se for da concordância de todos, procederemos às gravações, que serão transcritas e servirão de base para um estudo amplo sobre a influência italiana nos costumes dos habitantes de seu município e do Espírito Santo. Posteriormente, esse estudo será divulgado em congressos e revistas nacionais e/ou internacionais, sendo mantido o sigilo da identidade de todos os entrevistados.

EU,.....
....., RG Nº, AUTORIZO O MENOR
....., COM
RG/CERTIDÃO DE NASCIMENTO Nº, A
CONCEDER A ENTREVISTA À PESQUISADORA DAILLANE DOS SANTOS
AVELAR, RG Nº ... - SSP/ES, TENDO CONHECIMENTO DE QUE A IDENTIDADE
DO ENTREVISTADO SERÁ MANTIDA EM SIGILO E DE QUE AS INFORMAÇÕES
COLHIDAS SERVIRÃO DE BASE PARA UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DOS
IMIGRANTES ITALIANOS NO ESPÍRITO SANTO.

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG nº _____, estou sendo convidado (a) a participar de um estudo sobre o município de Santa Teresa, Espírito Santo.

A minha participação no referido estudo será no sentido de conceder uma entrevista. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer dado que possa, de alguma forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado (a) que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. A pesquisa será realizada pela aluna-pesquisadora Daillane dos Santos Avelar, RG nº ..., sob a orientação da professora Dra. Edenize Ponzo Peres, ambas da Universidade Federal do Espírito Santo.

Estou ciente de que as informações prestadas por mim serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa e manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Santa Teresa, _____ de _____ de 20____.

(Assinatura)

Obs.: _____

Quaisquer dúvidas, favor entrar em contato com Daillane dos Santos Avelar. Telefone:
- E-mail: daillaneavelar@gmail.com